





Amalia Figueirôa.

# REVISTA CONTEMPORANEA

DO

# PARTHENON LITTERARIO.

CONSAGRADA A'S LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES.

---

## COMMISSÃO DE REDACÇÃO:

APPELLES PORTO ALEGRE.

ARTHUR ROCHA.

AUGUSTO TOTTA.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

APPOLLYNARIO PORTO ALEGRE.

ALVES TORRES.

## REDACTOR E GERENTE:

JOSÉ BERNARDINO DOS SANTOS.

---

PORTO ALEGRE. ANNO XII DO PARTHENON.



## Amalia dos Passos Figueirôa.

---

Ha um anno que fomos dolorozamente sorprendidos com o trespasse de Amalia Figueirôa, a inspirada Muza do Guahyba.

Ha um anno que sob um cômore de terra vermelha, á confundir-se com mil outros, como elles, humilde e ignorado de todos, desapareceo para sempre a mavioza poetiza, cujo retrato occupa neste numero a pagina de honra da *Revista Contemporanea do Parthenon*.

\* \* \*

Filha legitima de Manoel dos Passos Figueirôa e D. Anna Candida dos Passos Figueirôa, a inditoza cantora dos *Crepusculos* nasceo n'esta capital a 30 de Agosto de 1845, onde falleceo a 24 de Setembro de 1878, victima de uma affecção pulmonar, que desde muito lhe minava a tribulada existencia.

\* \* \*

Ha entes, que parecem predestinados ao infortunio... e mais que a nenhum outro, a adversidade esmagou com mão de ferro a malfadada moça, que, como por um escarneo atroz do destino, tinha a frente coroada pela estemma do genio.

Pobre Amalia, que grande foi o teu infortunio!

Viste a luz quando teu honrado pae, dias antes, havia sido desempregado e lutava renhidamente com a adversidade, que pouco depois levou-o ao tumulo, e que elle legou-te em apanagio como uma herança de maldicção.

Passaste a primeira idade, a quadra gazil da existencia,

dos brincos infantis, entre as mais duras privações, que á falta de recursos soffria tua familia, apezar dos sacrificios ingentes, que, para conjural-as, fazia esse ente sublime de dedicação e de heroismo, o unico que comprehendeo tuas lagrimas, compartilhou teus soffrimentos e ainda hoje desolada chora com saudades tuas — tua extremoza mãe.

Viuva e balda de meios... a tua educação veio agravar mais a precaria situação da respeitavel matrona, tua unica amiga e protectora, exigindo-lhe' novos, e, se é possível, maiores sacrificios do que os até então feitos por ti.

E que pezado que era esse encargo, se compararmol-o com as vantagens que deixava?

O que se aprendia nas escolas de então, se ainda hoje é tristemente desoladora, digna da mais lastimoza communização a incapacidade intellectual dos directores de muitos dos nossos estabelecimentos de instrucção, que ainda se não compenetrarão de que o magisterio não é simplesmente um *meio de vida*, em que se explora a credulidade dos paes de familia e os cofres publicos, mas um sacerdocio sublime?

Entretanto essa criminoza insufficiencia dos *mestres*, tu a supprias para o cultivo de teu espirito com os grandes dotes de tua feliz intelligencia compensando acazo o *onus* que tua educação impunha a tua veneranda mãe . . . . .

E lutando e soffrendo sempre, te fizeste moça. Sorriste a essa nova phaze de tua desventurada existencia — como deve sorrir o condemnado, quando se lhe abre a porta do escuro carcere deixando coar pelos ferros até seu adyto humido e infecto um raio da luz do céu com a illusoria esperanza de que essa porta — um dia se não tornará a fechar sobre elle.

Sorriste e cantaste, como as aves cantão aos primeiros arrebóes das manhãs de primavera... mas o teu canto inaugural, que devera ser festivo como o da creação ao astro da vida, como o gemido plangente da juryty, saturava-se de infinita ternura e tristeza — foi um canto de lagrimas!

. . . . .

Amaste, Amalia; amaste com toda a santidade d'esse nobre sentimento, com toda a pureza de tuas crenças, com toda a vehemencia de tua alma inspirada de poeta.

Esse amor foi ainda uma desillusão amarga, um novo e o mais cruel dos martyrios que devias padecer! . . . . .

Foi acerbo, mas foi também o teu último trance.

Recolheste esse affecto ao ímo do coração... no luto de tua alma deixou de penetrar a luz da razão — e morreste moralmente, desventurada!

.....

Não continuaremos a rememorar tua infausta existencia.

Na campa acalmão-se todas as dôres, findão todos os soffrimentos, como se calão todas as alegrias e se esquecem todas as glorias.

Paire, pois, immaculada e fulgurante a tua memoria sobre a terra, como deve estar tranquillo o teu espirito nos mundos ignôtos d'além.

Em homenagem á saudosa memoria da illustre poetiza porto-alegrense juntamos aqui as palavras repassadas de sentimento, com que um seu irmão pela amizade e pela poesia lhe disse junto ao tumulo o derradeiro adeos:

### „Amalia Figueirôa.

„O último dia dos homens é o primeiro dia dos poetas... .

E' que estes reaparecem quando aquelles somem-se.

E' justamente quando dizem que um poeta morreo, que elle principia a viver.

Só então as invejas fogem espavoridas, esvaziando o lugar que passa a ser occupado pelas homenagens.

Quando um poeta esconde-se na solidão de um tumulo — seu nome apparece nas paginas da Historia.

\* \* \*

Quando me disserão que Amalia Figueirôa estava morta, senti uma emoção violenta, inesperada, fulminante; como si uma faisca electrica lanpejasse a meus olhos.

A duvida, a incerteza e o desespero atordoarão-me o cerebro: queria duvidar, mas tudo m'o affirmava; queria acreditar, mas tudo me parecia um sonho!...

Apóz o abalo da surpresa, sobreveio-me a prostração, que succede aos grandes choques.

Ha um antidoto para o veneno da angustia: E' o pranto. — Chorei!...

E como não chorar, si Amalia Figueirôa, não era para mim apenas a poetiza festejada do Sul, si Amalia era a minha boa amiga de infancia e companheira de lides litterarias? ... A seu lado passei os unicos dias felizes de minha vida — a juventude. A nossa amizade era uma herança de familia.

\* \* \*

Bem presentias o teu proximo fim, anjo do soffrimento e da melancolia! que, sempre resignada, cantavas chorando, ou choravas cantando:

„Nas noutes de luar, bello e pallente,  
Quando o vento soluça junto á serra  
E o Guahyba marulha docemente,  
Vindo as praias beijar da minha terra;

Abraçada co'a lyra em doce calma,  
Dedilhando-lhe a corda estremecida,  
Eu descanto estas flores de minh'alma,  
Nos mysterios da noute embevecida!...

Sinto a frõnte banhar-se nas tristezas  
Quando fito do céo a immensidade;  
E pouzão-me na idéa as brancas azas  
Do merencorio archanjo da saudade!...

E, meu Deos! eu talvez fôra ditoza  
Si a existencia passara adormecida!“

. . . . .

E com que dôr dizias:

„Sinto na fronte a febre d'agonia...  
Hei de amanhã da morte no descuido  
Envolver-me no véo!...  
O' meus cantos de amor e poesia!  
Na primavera ainda vós fugistes,  
Branços pombos do céo!“

Como Alvares de Azevedo, de quem tantas vezes pranteamos a sorte, ias definhando aos poucos... Ah! eu bem sei si tinhas razão em dizer:

„Para mim não ha flôres nas varzeas  
E nem luz uma estrella no céu . . . .“

. . . . .

Sim! tu não mentias quando murmuravas:

“A dôr me gastou est'alma,  
O peito minou-me a dôr;  
E descri de todo o affecto,  
Dos homens . . . de mim . . . do amor!”

Imagino as agonias de tua alma, quando, perdidas todas as esperanças — mas procurando ainda consolar tua velha mãe — vendo que a fatalidade apressava-se em ferir-lhe o coração dilacerado já por tantos e tão profundos golpes, dizias-lhe:

„Minha mãe! quando eu morrer  
A minha estrella has de ver! . . . .“

Depois . . . resignada a trocar os sonhos da mocidade pelo mysterio da morte, com que interesse inquires á Julia — aquella moça triste, que tambem morreo tão cedo:

„Diz-me, Julia, ha n'esses mundos  
Vida, amor, sonhos, encantos?  
A poesia em doces cantos  
Vai a tua alma embalar?  
Tu fitas o infinito? . . .  
E da terra, anjo proscripto,  
Voaste — para gozar? . . .

Ou será eterno o élo,  
Que nos prende á fria terra  
No curto esquife, que encerra  
Nossa existencia gentil?  
Jamais, ó Julia outra aurora? . . .  
Jamais o sol que descora? . . .  
Jamais as rozas de Abril? . . .“

E mais tarde, sentindo a seiva da mocidade e os thezouros de um coração de virgem a transbordar de amor, que interesse mostravas pela vida:

„Ai! Julia! a vida é tão bella,  
Quando o amor nos inebria! . . .

Quando a virtude nos guia,  
Para que voar p'ra os céos? . . .  
Si lá ha flôres ethereas  
E primaveras sidereas . . .  
Aqui — ama-se, meu Deos!“

\* \* \*

Amalia Figueirôa, antes de ser uma gloria da litteratura nacional, era a unica poetiza porto-alegrense. A imprensa e os homens de letras tributando-lhe as homenagens posthumas, cumprião apenas um dever. Alem d'isso, a distincta cantora dos *Crepusculos* pertencia ao *Parthenon Litterario*: com as flôres peregrinas de sua rica imaginação a candida sacerdotiza do Ideal perfumou mais de uma pagina das extinctas *Revistas* d'essa associação.

Pois bem: Amalia Figueirôa morreo; e seu enterro foi pobre, como ella tambem o fôra em sua curta e tormentoza vida! . . . Como Guerra Junqueiro — não censuro a falta de pompa theatral, de magica funebre. Quem foi simples na vida, devia sel-o na morte. — O que, porém. me indignou foi não ver nenhum homem de letras naquella solemne occiã, em que todos os escriptores desta terra devião levar o cadaver de sua unica irmã á derradeira morada.

\* \* \*

Amigo sincero de Amalia Figueirôa, orgulho-me nobremente dê haver merecido a honra de sua amizade. Só quem conheceo de perto aquella grande alma e aquelle grande cerebro, é que póde avaliar a perda irreparavel que esta provincia acaba de soffrer. O vacuo deixado por Amalia Figueirôa, na litteratura rio-grandense, só com muita difficuldade será preenchido por outra mulher.

Hontem ainda, a imprensa do paiz era unanime em censurar a alguns jornaes da côrte, por occasião da morte de outro grande poéta e outro grande desgraçado — Fagundes Varella! . . . Hoje morre Amalia Figueirôa. . . e o que vemos? — meia duzia de amigos da familia acompanhando um feretro . . . uma ou outra ligeira e tardia noticia . . . e o nome da festejada poetiza — apenas no obituario! . . .

\* \* \*

Resta-me o consolo de haver cumprido com o duplo dever, que me era imposto pela amizade e pela admiração. Fui ao enterro de Amalia Figueirôa; acompanhei-a até ao cemiterio; e na presença dos poucos homens, que, chorando, rodeavão o seu caixão, disse-lhe o adeos de despedida — prestei-lhe a homenagem devida.

Diante da sepultura, aberto o caixão funebre, um raio do sol poente batia na fronte pallida da poetiza morta . . . Aquella fronte serena, pendida para o lado opposto á sepultura, com as palpebras descerradas e um reflexo da luz crepuscular nos olhos embaciados, mas ainda bellos, parecia ter medo de contemplar o lugar sombrio, que estava á sua espera! . . .

Pobre Amalia!

O sol descambára no poente . . . a noite desenrolava o seu manto de sombras . . . era tempo de deixal-a só! . . .

\* \* \*

Vêdes este cadaver? . . . E' apenas  
Uma estatua marmórea, enregelada . . .  
Não bate um coração n'aquelle peito,  
Aquella bôca já não diz mais nada! . . .

No entanto essa pallida donzella  
Foi um anjo de amor e sentimento!  
N'esse peito — aninhava muito affecto,  
N'essa fronte — era luz — o pensamento.

Pobre Amalia! . . . eu, que em dias venturozos  
Escutei os teus cantos de esperança,  
Nunca mais te ouvirei! . . . E só me é dado  
Ver-te e ouvir-te apenas — na lembrança.

Triste é o dom fatal de quem na mente  
Sente a febre das loucas utopias . . .  
E, vibrando da lyra as doces cordas,  
Mergulha-se no mar das fantazias . . .

E' triste o nosso dom: somos nós todos  
Condennados, sem culpa, á desventura!  
Procuramos transpor da gloria o templo . . .  
E caímos no chão da sepultura!

Hontem . . . juntos, cantavamos — ainda  
Cheios de aspirações e de chiméras . . .  
Colhendo, á luz do sol da mocidade,  
As flôres das primeiras primavéras.

Quando iria eu pensar que inda m'estava  
Reservado este golpe — além de tantos,  
Que inda sangrão-me n'alma; que eu teria  
De orvalhar teu cadaver com meus prantos?!..

Morreste! . . . E eu não pude, desvairado,  
No momento final, ante o teu leito,  
Consolar tua mãe — a triste velha,  
De quem, sem vida, viverás no peito!

E não pude, febril e de joelhos,  
Off'recer minha vida pela tua . . .  
Pois já não tenho mãe — que vá, chorando,  
Rezar no meu sepulchro á luz da lua!

Nós eramos irmãos pelo destino,  
Nós eramos amigos desde a infancia;  
Por isso é que nest'hora amargurada  
Sinto o meu coração bater com ancia.

Adeos, Amalia, adeos! . . . morreste cedo  
Como expiração os anjos e as flôres . . .  
Cedo tambem minh'alma ha de encontrar-te  
Nos amplos mundos de eternaes fulgôres.

Quando alguém me pedir noticias tuas  
Eu lhe direi, chorando de saudade:  
Deixou na terra a flôr — da poesia . . .  
Levou p'ra o céo a flôr — da virgindade!

PORTO ALEGRE, 26 de Setembro de 1878.“

Mucio Teixeira.

---

No trigesimo dia de seu passamento celebrou o *Parthenon Litterario* uma sessão funebre consagrada á memoria de sua illustre consocia, cujo resumo foi assim feito pelo *Caixeiro*, jornal que se publica n'esta capital:

„Realizou-se na segunda-feira, 28 do corrente, a sessão funebre celebrada pelo *Parthenon Litterario* á memoria da inditoza poetiza D. Amalia dos Passos Figueirôa, que no grêmio daquella associação deixou um vacuo difficil de preencher, porque são poucos os cerebros feminis, que sabem desprezar os preconceitos banaes desta estulta sociedade, que agrilhoa a mulher no pelourinho das conveniencias.

A's nove horas da noute, achando-se presentes mais de trinta pessoas sem contar algumas Exm<sup>as</sup> Snr<sup>as</sup>, foi aberta a sessão pelo Sr. vice-presidente Dr. Capistrano, pronunciando uma breve allocução, em que realçava os talentos da distincta poetiza, que abrilhantou mais de uma vez as paginas da *Revista* daquella sociedade, que cumpria nesse momento um dever sagrado prestando-lhe as homenagens posthumas.

Teve a palavra em seguida o Sr. Arthur Rocha, que com aquella voz sympathica, que todos admiramos, pronunciou, como 3º orador do *Parthenon*, um pequeno, mas inspirado discurso analogo ao acto.

Seguiu-se o Sr. Aurelio de Bittencourt, que, apoz uma curta introducção, lêo um folhetim do nosso intelligente comprovinciano Carlos Ferreira, publicado na *Gazeta de Campinas*, por occasião de apparecer á luz da publicidade o volume de poezias de D. Amalia Figueirôa, intitulado — *Crepusculos*.

Fallarão ainda os Srs. Ramiro de Araujo e Rodrigues da Silva realçando o merito da mavioza poetiza, que tantos soffrimentos teve na sua curta peregrinação por este mundo.

Foi um tributo de respeito e veneração que o *Parthenon* pagou á memoria de sua distincta socia, companheira infatigavel na romagem, que encetou aquella associação em 1868, depozitando uma corôa de saudades sobre o catafalco que estava levantado ao fundo com o retrato da poetiza morta.“

## Benedicto Corrêa.

---

### II.

A duas leguas de distancia do sitio de Benedicto Corrêa havia um lugarejo de meia duzia de cazas, onde aos domingos se reunia grande ajuntamento de povo, ali attrahido por duas cauzas essenciaes: uma *venda* e umas *carreiras*.

Sabe-se o que é uma venda: o que, porém, escapa á apreciação de muitos é a influencia, que a venda exerce no destino dos povos.

E' ella a boa fada que preside ao nascimento das nossas povoações. E' o embryão das grandes cidades. Aonde ha quatro cazas, ha uma venda.

Ao contrario dos Americanos do Norte, que começam suas povoações pela escola, nós começamol-a pela venda.

Ali o audaz *pioneer* põe o machado ás costas, mune-se de um farnel, sahe da cidade, atravessa os povoados, penetra na floresta, derriba uns páos, construe uma tósca habitação, engendra uma grosseira meza e uns grosseiros bancos, e inaugura uma escola: estão lançados os fundamentos da cidade.

Aqui o aggregado de um fazendeiro, creado no trabalho, mas que não dá para a vida, porque aquillo custa, vae á estrada, faz um rancho, mette-se nelle, reveste-o de umas prateleiras, põe nestas umas garrafas, cheias ou vazias, segundo os limites do capital, addiciona-lhes um rolo de fumo e um barril de aguardente e estabelece uma venda: está ahi o germen da povoação.

A venda em questão pertencia a um Sr. José da Silva, mais conhecido entre seus freguezes por *Zé da Venda*.

Ali reunidos estes, uns sentados sobre o balcão, que accumulava as funcções de sophá e mostrador, ou sobre barricas de cereaes, outros de cócaras, discutião ácerca das carreiras, regulavão as condições dos páreos e concluião os ajustes mediante o solemne testemunho do cópo de aguardente, que, passando de mão em mão, de bôca em bôca até o escorrupichar da ultima gota, sellava e ratificava as bazes do accordo celebrado.

São as carreiras uma especie de *jockey-club* a campo aberto, sem nenhum apparatus nem regulamentos, limitando-se tudo á eleição de um lugar plano, onde se assignala uma extensa facha perfeitamente uniforme e nivelada, a que chamão *raia*, e ao longo da qual correm os cavallo. Ao lado desta se reúnem, formando longas e compactas alas, os jogadores, vivamente empenhados nos resultados da corrida, apostando uns no cavallo tal, v. g. o *zaino*, o *sibruno*, outros no cavallo tal, v. g. o *tordilho*, o *tobiano*, offerecendo vantagens de toda a especie, dando *lumbagem*, dando *luz* e *luz e cola*, ou *paleta* e *meia paleta* etc.

São muito animadas estas carreiras, e ha localidades em que arriscão nellas sommas fabulozas, que mettem n'um chinelo os tão fallados e apregoados premios das nossas aristocraticas sociedades do *sport*.

Tinha José da Silva uma filha, guapa e alentada rapariga de dezoito annos, rochonchuda e rozada como os anjos dos retábulos das igrejas, muito aceada e pouco dada a conversas.

Os rapazes das cercanias não se affoitaavão a dirigir-lhe seus madrigaes, porque vião-lhe na severa expressão do cenho o reflexo de um coração cerrado ás faceis expansões daquella idade.

Se algum menos tímido dos admiradores de sua belleza arriscava, em impetos de mal contido arroubamento, um monosyllabo referente á chamma que o devorava, ella ria-se muito, ria-se com toda a vehemencia de um atroz sarcasmo, e ria-se tanto que o desventurado acabava por enfiar e por mudar prudentemente de rumo.

Nenhum, nem o mais laureado dos conquistadores do bairro, tinha conseguido daquella esquiva e intratavel Diana um olhar condescendente, um ar benevolente sequer.

Um Lovelace da vizinhança, não, um pastor Endymião, porque este pôde sempre encartar-se nas boas graças da

deozza, acercou-se-lhe um dia estando ella só na venda e fazendo as vezes do pae, que andava fóra a cobranças.

Exordiou por pedir fogo para acender o cigarro, e depois de um longo preparo mental, em que as hezitações se contavão pelas vezes que chegava o cigarro á braza, como se nelle estivesse toda a difficuldade, fez um esforço heroico, rompeo com aquelles medos, venceo o acanhamento e disse:

— *Nhá* Brigida.

— O que é, *nhô* Manéco? respondeo ella, perguntando.

— Eu tinha uma couza para lhe dizer.

— O que é? Um masso de cigarros?

— Ora, *nhá* Brigida, não cassôe. Estou dizendo que tinha uma couza para lhe dizer.

Ella riu-se com ar de mófa, com o que sentio-se esmo-recido de animo o pobre do *nhô* Manéco.

— Pois diga lá, accrescentou Brigida, que tinha nestas couzas um prazer semelhante ao do gato, quando, tendo semi-morto e inerte a seus pés o infelizratinho, entretem-se em fazer delle joguete e ás vezes a acaricial-o, deixando-lhe a plena liberdade de fugir, certo de que não fará della uzo. Não é porque fosse má de coração, mas porque começavão a divertir-a aquelles ares inconsolaveis que assumia o seu interlocutor, e ella, que queria fruir todo o mel dessas impunes zombarias, fazia-lhe entrever, n'um raio de duvida luz de esperança, a possibilidade de um bom exito.

Comtudo, *nhô* Manéco conservou-se callado. Fugia-lhe toda a coragem. A rhetorica tambem lhe falhava. E' que a rhetorica não foi feita para estas emergencias. Collocado naquella difficil posição, cumpria-lhe achar um expediente qualquer para sahir-se della. Achou um, o unico que uma laborioza gestação de espirito de trez minutos lhe suggerira. Agarrou-se a elle.

— De que preço são aquellas colheres de páo? perguntou elle affectando indifferença e calma.

A diversão irritou *nhá* Brigida.

— Doze vintens, disse ella com seccura.

— São de lorangeira?

— Pois não está vendo?

Elle não podia ver isso, mas o que estava vendo com certeza era que no tom e nos gestos, que seguião aquella resposta, havia uma sombra de despeito.

Sentio um gaudio indescriptivel. Triumphava por seu turno. Brenno deitava a espada na balança.

— Estou vendo, respondeo elle, mas acho o preço caro.

— Pois é para quem quizer.

Nhò Manéco entendeo que era tempo de pôr em campo as reservas.

— Olhe, nhá Brigida; voncê quer saber uma couza? Eu não é colheres que quero.

— Isso sei eu. Voncê não quer colheres, não. Quem quer colheres, vem de outro geito. Mas o que é então que é?

— Eu já lhe digo. Ha muito tempo que ando sentindo umas couzas, que eu mesmo nem sei. Parece couza que me morde cá por dentro.

— Ah! Só isso? E depois?

— Depois, de cada vez que bóto estes meus olhos em voncê, sinto uns desesperos . . . . que eu nem sei. Fico que não estou em mim . . . .

Aqui nhá Brigida reassumio seu modo zombeteiro. Um rizinho maligno esboçou-lhe duas matadoras covinhas na face, a sombrear-lhe a commissura dos labios.

— E o que mais? perguntou ella, fitando seus dous bellos olhos insistentemente em nhò Manéco, que por um segundo se havia interrompido, soffocado sem duvida pela suprema violencia que lhe custára o arrojado lance.

— Estou vendo o dia, respondeo elle, que bóto a vergonha para uma banda e peço a meu padrinho que falle com o *sêu Zé*.

— A que fim?

— A fim de pedir voncê em casamento.

— Heim? A módo que não ouvi bem.

— A fim de pedir voncê em casamento, repetio nhò Manéco.

— O que? Voncê está fallando serio?

— Estou, nhá Brigida, e tão depressa passe a quaresma . . . .

— *Chê*, que esperanza! Não perca seu tempo.

— Mas porque?

— Porque? Porque . . . por . . . por muitas razões. A primeira é que voncê nada tem de seu: anda n'uma *pinda-hyba* daquellas de se lhe tirar o chapéo, e para pobre basta eu.

— Voncê diz que nada tenho?

— Digo sim. E o que é que voncê tem? O que voncê tem é a *caipora*.

Manéco mordeu os labios. Via o demonio atravez d'aquellas apparencias de anjo. Entretanto não o era. Aquella creança brincava. A natureza tréfega e jovial irrompia na rude franqueza de seus habitos incultos. Feria sem o querer, como o bastão ferrado do cêgo quando trilha o pé do transeunte.

— Está bom, não é a *caipora*, proseguiu nhá Brigida; será então esse pequirá *maturrenço* de ruim pello, que nem uma onça vale, ou essas chilenas e esse jogo de *apêros*, que já foi prata. hoje é latão.

Estas palavras forão secundadas por uma rizada, d'essas rizadas longas, cheias, irritantes, intermitentes, recortadas em arestas agudas, que penetrão na alma como os dentes da serra no osso sujeito á amputação.

Aqui nhô Manéco desconcertou deveras. Fôra batido de um modo atroz. Levado a uma extremidade, de que sua imaginação, aliaz fértil em expedientes, como vimos, talvez não pudesse agora salvar-o; dêo graças a Deos quando sentio o tropear de um cavallo e vio parar á porta da venda o Sr. *Zé da mesma*.

Era uma vela no horizonte; era o ramo de oliveira d'aquella triste e desconsolada situação.

Momentos depois retirava-se Brigida da venda e ia para o interior da caza, cantando em voz alegre e sonôra:

Tenho a folha da fortuna  
Bem guardada n'um cantinho:  
Quando a folha me der sorte  
Buscarei meu amorzinho.

Do que tudo se depreheende que ainda era cedo para aquella alma desabrochar ás tépidas auras do amor, couza não rara, ainda mesmo nessa idade, entre as gentes do interior, cujas faculdades sensitivas são em grande parte absorvidas pelas preocupações materiaes do trabalho a que se dedicão, e cujo izolamento deixa que o sentimento se desenvolva *ad natura* e não coïno nas estufas do grande mundo, onde o calor artificial conduz a essa germinação prematura, que tão mangrados fructos produz.

O Sr. *Zé da Venda* é que a estas couzas não dizia nem

sim, nem não. Sómente ás vezes, por gracejo, e referindo-se á hypotheze não impossivel do casamento de Brigida, atalhava o interlocutor nestes termos:

— Será isso um atrazo para mim; mais de metade dos meus freguezes me deixa; e acrescentava em outro tom: — do que bem pouco se me dava se não fossem todos para a caza do *Jango* da Ponte, que é um canalha, de quem não gosto, porque vóta com os Gouvêas.

O Sr. José da Silva immolava tudo nas aras da politica, que era «a sua cachaça», segundo elle mesmo dizia. Doíam-lhe menos o prejuizo proprio rezultante da retirada dos freguezes, do que o augmento da fazenda alheia, só porque essa fazenda era de «um canalha» que votava com o partido ao qual era adverso, e não porque fosse de seu natural invejo da boa fortuna alheia.

Benedicto Corrêa foi um dia convidado para assistir, por um S. João, a umas carreiras que ia haver na localidade.

Em todo o bairro agitava os espiritos a rizonha perspectiva da proxima festança.

Os donos dos parelheiros de fama preparavão-os já com um mez de antecedencia. Consiste o preparo n'um processo longo e paciente, a que submettem o cavallo para dar-lhe o necessario vigor e agilidade. Começão por *amilhal-o* e além do milho dão-lhe a substancioza palha do gerivá; lavão-o a miudo, esfregando-lhe o pello com sabugo, e trazem-o durante o repouzo cilhado com uma larga facha, que lhe diminue as proporções do ventre e aligeira-lhe o pezo pela redução do volume.

Além deste processo ha o *desaguacho* e o *cotejo*, que são tanto ou mais importantes ainda.

Consiste o primeiro em levar todos os dias o cavallo á raia para habitual-o ao terreno e desenvolver-lhe os musculos por um exercicio graduado, augmentando de dia em dia a intensidade do galope até que este é uma desenfreada e phantastica corrida de Mazeppa.

O cotejo é, como a palavra está indicando, o confronto de dous cavallos entre si, para d'ahi inferir a vantagem que um d'elles póde levar sobre um terceiro, com que terá de correr n'uma carreira *atada*, manobra esta que o apostador executa sempre ás occultas e antes que os homens do cavallo contrario tenham chegado á raia para não lhes dar a medida da força daquelle.

Não é só o merito intrinseco e a bravura que dá ao jogador a segurança de ganhar a aposta; entrão tambem muito a astucia e a velhacaria no exito della; o que prova que não é só em relação ao homem, mas tambem ao irracional, que se verifica o — desconhecimento dos meritos reaes e a — elevação da mediocridade — e outras *chapas* muito gastas, que ha pelas typographias a granel.

De um d'esses enthuziastas de carreiras e apostas ouvi contar que, sabendo ser costume de seu antagonista fazer o cotejo ainda com noute escura, para anteceder os que vinhão ao romper do dia, collocava-se em lugar sobranceiro á raia e d'ali, apezar das trevas e só pelo som das patas do cavallo podia conhecer o inicio e o termo da carreira, cujo tempo de duração calculava com uma precisão mathematica applicando aos ouvidos o relógio e contando-lhe as pancadas. Obtida assim a medida exacta do tempo gasto, fazia, em lugar e occasião opportuna, applicação do processo ao seu cavallo, e pelo rezultado da comparação ficava habilitado para julgar se este podia effectivamente competir com o outro, jogando desse modo com todos os elementos de certeza.

Benedicto era perdido por carreiras, unico genero de diversão que lhe enchia as horas de ocio. Mantinha constantemente de estrebaria dous ou trez excellentes parrelheiros, tidos e havidos como os de melhor *tiro* dos das cercanias. Portanto tratou de preparar o mais galhardo delles.

No dia aprazado realizou-se a festa. Rezou-se o terço diante de um S. João meio denegrido pela fumaça, que no oratorio do *Zé da Venda* occupava lugar proeminente entre um sem numero de outros santos e incutia religioza piedade aos devotos pelas mutilações e estragos do tempo, que soffrera e de que não escapara o innocente anho, seu fiel e inseparavel companheiro.

O terço rematou pela ladainha, que foi cantada n'un latim horripilante e saturado de hartos barbarismos como *Salles enfermorio* e *Torres da vida*, e desdizia absolutamente da solemnidade, que se quizera dar ao acto, tornando-o comico e rizivel, de grave e edificante que devera ser.

Nesse dia houve lauto bródio. Chiavão as cassarolas na cozinha e derramavão incitantes effluvios, que os manes de Wattel ou de Brillat Savarin aspirarião como perfumes orientaes. O garrafão de vinho sahira de sua habitual im-

mobilidade no rodapé das prateleiras e viéra em digressão á sala para animar os convivas e estimular-lhes de antemão a veia dos bons ditos e dos conceitos *espirituosos*.

Andava tudo n'uma dobadoura. Nhá Brigida, auxiliada por umas duas ou trez vizinhas, *quituteiras* de fama, graduadas em assumptos culinarios, e duas negras do serviço da caza, ia e vinha, fallava, mandava, ralhava, abria armarios e fechava armarios, munida sempre de um grosso negalho de luzentes chaves, que trazia pendente da cintura como insignia de dona da caza.

De sorte que não faltou no festim o pittoresco leitão com o infallivel ovo atravessado nos dentes, e como que a rir-se das graças dos circumstantes; o classico perú todo enfeitado de ramos de salsa e acompanhado do competente papo recheado; o *barreado*, delizioso e original producto da cozinha roceira, que os meus amigos do *Café de Londres* e do *Hotel dos Príncipes* nunca tiverão a honra de degustar, e que tem tanto de prozaico no nome quanto de soberbo, perfumado, deleitavel na substancia; não fallando em outros muitos pratos, cujos nomes omitto, alias mais atrahentes por si que pelo *menu*, ao contrario do que acontece nos grandes banquetes ou nos *diners à la carte*, onde o *menu* é que é attrahente em prejuizo do estomago e do paladar, que sacrificados á moda, ao tom, ao nome pompozo, aos requiffes do envolucro, ao apparatus de decoração, ao prazer de forrar a viscera-mestra, a viscera-rei do tempo dos apólogos, com essas incongruentes e insulsas iguarias que pedimos á gastronomia estrangeira.

Desafiavão as sêdes de sybarita os roxos Lisbôa e Figueira, incluzos em airozas garrafas brancas, corôadas de galhos de alecrim em flôr e cravinas multicores, representando ali tão conspicuo papel como em outras circumstancias representam o Sauterne ou o Borgonha.

Ë jantar correo alegre e ruidozo. Houve brindes, alguns seguidos de cantoria, e esta dirigida pelo sacristão da villa proxima, homem muito mettediço em couzas de rezas e co-mezainas.

Ao cahir da tarde, encaminharão-se todos para o lugar das corridas, uma formozza campina á margem da estrada.

Como é de estylo, começarão pelas carreiras de menos vulto, em que as apostas geralmente recahem sobre cavallos de soez merito e não são muito disputadas.

Os cavalloos destinados á grande corrida erão um elegante *mouro* e um fogozo *douradillo*, dous magnificos exemplares da vigorosa raça missioneira, cujo typo, oriundo do andaluz, distingue-se pela bravura e agilidade herdadas e depois desenvolvidas tanto pelo ardor do nosso clima como pela boa nutrição de nossas fertes campinas.

Estimulados pelo exemplo dos outros, os dous briozos ginetes sentião-se irrequietos, offegavão dilatando as ventas, escarvavão o chão, mordião o freio e rodopiavão em ancias e impaciencia de arremeçar-se á raia.

Finalmente chegou a sua vez. Dado o *upa* pelo juiz da corrida, partirão os dous animaes como duas settas. No impeto, que levavão, parecia que se nivelavão com o solo, formando as cabeças distendidas e assim as caudas e as pernas duas linhas horizontaes parallelas projectadas sobre o chão, que parecia nem tocarem.

Levavão igual vantagem n'aquelle desvairado vôo e a carreira ia tocar ao seu termo, quando . . . oh! a penna estremece de descrever a enorme catastrophe. Vio-se entrar pela raia um cavalleiro estranho e ouviu-se um estampido medonho. Subito e como uma apparição phantastica formou-se de cavalloos e cavalleiros um grupo informe, de que surgirão estes, lançados aos ares como pélas. Em menos de um segundo, e com a mesma rapidez, com que se formara, o grupo desaggregara-se, rolando pela gramma desfeito em destroços, tal como no furor da procella duas vagas arquejantes, que vem de collo alçado uma sobre a outra, encontram-se, embatem-se com estrondo e atirando para os ares seus pennachos de espuma, recuão dilaceradas, a dissolver-se em murmurejantes borbotões.

Trez homens e trez cavalloos jazião por terra: o sangue espadanava sobre a relva. Um grito unisono partira da multidão agrupada nos dous lados da raia. Pallidez de morte desbotara todos os semblantes. As alas desfizerão-se em menos de um segundo e o povo accudio em chusma ao lugar do desastre.

Gustavo de Castro.

## Caracter physico do homem.

(*Concluzão.*)

### **Variedade na fôrma e figura.**

A configuração do craneo é a que apresenta mais diversidades na especie humana, e por isso os philozophos o tomarão por baze na divisão do homem em cinco raças:

1<sup>a</sup> os caucaseos; 2<sup>a</sup> os mongões; 3<sup>a</sup> os ethyopes ou negros; 4<sup>a</sup> os americanos; 5<sup>a</sup> os malaaios ou austraes.

A primeira abrange todas as nações européas e da Asia Occidental. A cabeça dos individuos d'esta classe é quazi redonda, com bella symetria: é oval, sem projecção de ossos, e tem prominencia de feições regular. Na segunda classe, a cabeça é quazi quadrada, os queixos mui salientes, o nariz chato, a cara larga e achatada, as feições desproporcionadas, e o angulo interno dos olhos muito estreito para a parte do nariz. Na terceira, a cabeça é estreita e baixa para os lados; a testa convexa, os queixos largos, as ventas muito abertas, o craneo espesso e pezado, a cara estreita. A quarta classe é uma modificação dos mongões ou tartaros; e a quinta, é tambem modificação dos ethyopes com perfeições mais regulares.

Ainda que estas discripções dêem uma idéa clara dos cinco principaes generos, seria comtudo mui improprio tomar estas definições como regras para distinguir os povos. A variedade ethyope domina, certamente, entre as nações pretas; mas tambem se encontram povos na Nigricia com a cabeça semelhante a dos européos, vendo-se feições delicadas em rostos azevichados.

A variedade americana é igualmente vaga, e se observa consideravel differença entre iroquezes, mexicanos, peruvianos e patagões.

A configuração do corpo offerece notaveis variedades entre as nações. Algumas tribus de negros — os selvagens austraes e os calmencos — são os que mais differem dos européos em figura. Tem-se observado por vezes que a parte do braço, que vae do cotovello ao punho, é mais comprida nos negros do que nos européos, organização peculiar dos macacos de qualquer especie. Todavia ha européos, que nisto se assemelham aos negros, e vice-versa.

As pernas, pés e mãos das nações africanas são peculiares aos negros.

### **Variedade da estatura.**

Relativamente á estatura a differença entre as nações é tão trivial que não é facil conhecê-la.

Os patagões são indubitavelmente os homens mais altos que ha no mundo: a sua estatura é quazi de duas varas portuguezas, e grande parte d'elles chega ás duas justas. D'esta fórma são aquelles indios meio pé mais altos do que os européos, asiaticos e africanos.

As tribus, que no norte da America habitão em igual latitude, tem ordinariamente vara e meia de altura, e é maior o numero dos que não chegam, do que o dos que excedem a esta medida; vindo assim a ter meio pé menos que os européos. Os habitantes de Madagascar e a tribu dos selvagens hotentotes, de uma vara de altura, são os homens mais pequenos que se conhecem.

A excepção d'estes pontos extremos, a estatura humana é de vara e meia pouco mais ou menos nas diferentes castas. Sem embargo d'isto, em todas as nações ha exemplos de homens de trez varas de altura, e outros com apenas uma.

Comparemos agora as diversidades, que notamos na apparencia da especie humana, com as que observamos na fórma, côr e estatura das especies irracionaes, particularmente os animaes domesticos. A differença na côr dos quadrupedes de identica especie está tão familiarizada com nossa vista que bastará só alludir a ella. Nos cavallós, bois, cães, gatos, coelhos &c., achamos as mesmas côres que no cabello humano, desde o negro azevichado até o branco de neve.

Muitas crias distinguem-se por côres, que transmittem a bastantes gerações, e que mostra que isso depende das circumstancias locais dos paizes onde vivem.

Tem-se observado que os porcos no Piemonte são todos negros, na Normandia brancos, e na Baviera entre avermelhados e amarellos. Os bois da Hungria são geralmente côr de barro, e na Franconia avermelhados. Os gallos da Normandia são pretos e os de Hannover todos brancos; os de Hespanha são pretos e encorpados e têm grandes cristas brancas côr de leite: e em Inglaterra avermelhados, pequenos e com crista côr de sangue. Os cavallo espalhados nos Pampas de Buenos Ayres são todos castanhos, ao passo que nos criados em cidades e regularmente passeados se notão côres diversas, sendo mesclados muitos d'elles. O mesmo acontece ali com o gado vaccum. No Mjore ha trez distinctas castas de carneiros: pretos, avermelhados e brancos. A Andaluzia abunda em carneiros pretos; e em Inglaterra apenas se acha um ou outro d'esta côr na multidão de manadas, que ali se crião. A alvura dos cisnes é quazi proverbial, todavia os da Nova Hollanda são pretos.

Emquanto á estatura e proporções de partes, as diversidades, que se encontrão na mesma especie de animaes, excedem muito as variedades humanas entre nação e nação. Todos os naturalistas opinão que o porco commum descende do javali, e que a domesticidade lhe mudou a apparencia. E' couza averiguada que na America não havia porcos, no tempo em que foi conquistada pelos hespanhóes; estes os transportarão para ali; e elles espalhando-se pelas veigas e margens dos rios, de tal fórmula degenerarão no fim de dous ou trez seculos, que ninguem dirá que hoje são d'aquella especie os que lá existem. Semelhantes exemplos de diversidade, particularmente na especie cerdum, devem considerar-se como prova das variações, que pôdem dar-se entre descendentes de um par primitivo.

Se por outro lado observamos a differença entre o negro e o europeó, acharemos ser identica da que existe entre o javali e o porco domestico. Do mesmo modo poderiamos encontrar muitos exemplos nas crias de gado lanar, cavallar e vaccum. Ha crias de bois e carneiros, que não têm cornos, quando vemos que uma frente ornada de grandes páos é propriedade commum a este animal. Ninguem poderá dizer que as vaccas sem cornos provêm de distincta

origem só porque nas provincias de Buenos Ayres e Paraguay se vêem rebanhos inteiros de gado que os não tem: e bem sabido é que os primeiros touros e vaccas para ali transportados pelos hespanhóes erão da Andaluzia, onde são desconhecidos os animaes não armados.

Consta-nos, além d'isso, que nos Pampas ha carneiros com quatro cornos, encontrando-se d'elles muitos rebanhos; e si se dessem ao pequeno incommodo de separar de entre elles os bicornes, em poucos annos seria geral nas crias aquella propriedade. Omittimos fallar aqui nos carneiros, que temos visto com seis cornos nascidos com symetria na mesma cabeça. Relativamente aos cavallos, ha n'esta especie tanta variedade na cabeça como nas castas humanas. Os cavallos napolitanos tornão-se mui notaveis pela sua grande cabeça, ao passo que os cavallos húngaros maravillão a vista pela pequenez do craneo e comprimento do queixo inferior.

No pello dos animaes de identica especie deparão-se variedades tão espantozas como as acima mencionadas: porém em nenhuma casta é isto tão geral como na lanar. O gado merino em Hespanha conserva a lã fina e riçada ha muitos seculos sem diminuição de mérito; e o mesmo gado transportado á Inglaterra, embora haja com as crias o maior cuidado, degenera no fim de doze annos a ponto de desconhecer-se-lhes a ascendencia. Levado, porém, á Saxonia, melhora de tal fórma a lã, que estas nos mercados da Europa sustentão hoje dobrado preço em relação ás lãs de Castilha e Leão. O carneiro mais fino de Hespanha transportado á America do Sul degenera, por incuria; e levado á ilha de Cuba, ou aos tropicos, transforma-se-lhe o vello em pello comprido e basto.

Na Estremadura é muito vulgar encontrar na mesma varzea carneiros com immensa lã e tão fortes, que correm com um homem sobre o lombo, a par de outros de tamanho mediano e pretos, cuja lã grossa serve para fabricar pannos e baetas, e logo junto a estes, lindos rebanhos, nos quaes se vê o delicado merino proprio para tecer panno finissimo. Não obstante semelhantes variedades é certo que as trez castas descendem das raças de carneiros da Siberia, sendo a differença, que se lhes nota, tão sómente devida ao pasto, ao clima e ao cuidado, ou incuria, que houve até a formação de castas distinctas. O mesmo se observa nas cabras, gatos e cães, cujos pellos varião em diferentes paizes.

Facil nos seria adduzir mais argumentos, se os já produzidos não bastassem para provar que — nas especies de quadrupedes ha diversidades analogas, ou mui semelhantes, ás que se vêm nas differentes raças da especie humana, o que mostra evidentemente a unidade de origem; portanto todos os homens que povoão a terra descendem de um só par criado originalmente.

Uma vez provada a unidade da especie humana pela uniformidade descoberta nas leis da sua economia animal, e a existencia de variedades nos brutos da mesma especie analogas ás observadas entre os homens, ainda nos fica um ponto que ventilar de discussão summamente difficil; consistindo em saber qual é a origem das cinco castas, que se contão na especie humana. Se a apparição do primeiro homem negro, ou côr de cobre, dêo cauza a algum capricho da natureza, como é que se conserva esta ou aquella variedade tão fixa e permanente neste ou naquelle paiz? Porque não se extinguem no fim de um seculo, por exemplo, como succedeo ás novas variedades, que costumão a apparecer nos tempos modernos? Confessamos que este é um mysterio, que a ninguem é dado descortinar, e que existirá sempre tão recondito como até aqui. Todavia o não podermos descobrir tal origem em nada destróe a concluzão, que tiramos, sobre a unidade da especie humana; pois que é mais facil achar a existencia de uma cauza pelos effeitos, do que subir até a cauza que produzio.

As variedades mais notaveis entre os homens tiverão, sem duvida, origem em tempos mui remotos. E' desnecessario investigar qual era a constituição, estatura, côr e apparencia geral dos antidiluvianos.

D'aquella época nada sabemos, nem pela revelação, se não o nome e idade de doze ou quinze pessoas: — é um mundo incognito e sem entrada para a nossa ignorancia, por isso nós limitaremos ao periodo do cataclisma de Noé.

E' razoavel suppôr que cada um dos filhos de Noé buscase estabelecê-la no mundo espalhando-a pelas quatro partes d'elle; — que depois a subdividisse em outras colonias a medida de sua multiplicação, cortando com o andar dos tempos toda a communicação entre si. Esta communicação a nosso ver era insustentavel, attentas as circumstancias dos primeiros habitantes do mundo, e as difficuldades que a natureza devia oppôr-lhes em toda a parte. Eis o que

produzio, a nosso ver, diversidades na raça primitiva, as quaes no fim de muitas gerações se transformarão em feições characteristics de nações distinctas. Emquanto á côr, a mais vizivel das differenças, é innegavel que tem relação com o clima. Nos negros, que habitão a zona torrida, os raios abrazadores do sol do arenozo territorio da Africa, influem igual e constantemente naquelles habitantes, communicando o seu effeito além dos tropicos, ao passo que os americanos, em razão de chuvas copiozas, abundancia de rios caudalozos e de montanhas elevadissimas se conservão entre os tropicos sem que nelles se sinta o concurso das cauzas, que formarão a casta negra no vizinho continente.

As tribus, porém, que rezidem nas ilhas e provincias proximas á linha, são as mais negras, e os malabares e povos de Ceylão, os mais pardos dos habitantes. D'estas observações rezultou a opinião geral de que as cauzas das diversidades de côres na especie humana, está na gradual influencia do clima; porém, contra esta opinião milita um argumento indissolúvel.

Acha-se plenamente demonstrado que os filhos de europeos enegrecidos pelos raios de um sol vertical nascem tão brancos, como se seus paes nunca houvessem sahido da Europa; emquanto se observa que os negros, que se trasladão á Europa, conservão por muitas gerações a côr africana. Mas, comquanto seja inexplicavel esta circumstancia, não póde ella contrastar os muitos argumentos e inferencias, que nos levão a concluir que a especie humana é uma só, e que não obstante a variedade da côr, fórmula, estatura &c., todos os homens, que habitão a terra, descendem de um só par, creado originalmente.

PORTO ALEGRE, Janeiro de 1878.

Severo Borba.

---

## Epistolas campinas.

### II.

Póde vir a galope quem vizita,  
Mas nunca hade *esbarrar* junto da porta;  
Sendo precizo, pois, *sentar o pingo*,  
Inda que traga pressa o caminhante.  
De longe puz-me ao trote, e ao chegar disse  
A sacramental phrase do — *oh! de caza!*  
Quando o velho me vendo, do sobr'olho  
A vizeira desceo e, carrancudo.  
Qual Jupiter Tonante ao pé de Marte,  
— *Oh! de fóra*, responde, *apêc e s'entre*.  
Penetrando os humbraes da praça d'armas,  
Que pareceo-me a sala, aonde havia,  
Sobre um velho cabide pendurado  
Pelo *rabicho*, um bello *apero* todo  
Nas pratas escondido, um *peitoral*,  
O *travessão*, a *barrigueira*, um laço  
*Cochonilho*, *badana* e a *sobrecincha*  
Bordada a seda frouxa, e o pellego  
Que acolchôa o *lombilho*, um *maneador*,  
O *freio*, um *fiador* e um *chicote*,  
Um *par* de bolas, que notavel torna-se,  
Por ser um par de trez com a *manica*,  
A *maneia* de trança e o *tirador*.  
No *barbicacho* prezo ali se via  
Das missas o chapéo, palha do Chile,  
Que n'um lenço de chita embrulhadinho

Estava defendido todo em roda  
 Por uma espada velha e uma espingarda  
 Granadeira do Rei e outra de caça,  
 Uma faca de matto, e uma pistola.  
 N'um canto estava a lança de trez galhos,  
 E que sobrado havia em bens do evento  
 A um Legalista heróe lá d'esse tempo,  
 Que em rezultado fez ter hoje estancia  
 E ser um official reconhecido  
 Da guarda nacional no sul do imperio  
 O nobre veterano, que eu saudava,  
 Entre o susto e o prazer, com fé patricia.  
 Só nos faltava ali para o completo  
 De um muzeo de armamento o que se chama  
 Em technica expressão — a artilheria.  
 Sahindo do arsenal estava a talha,  
 Com a classica cuiá sobre a tampa,  
 E um bahú anachronico, coberto  
 De *caronas*, *suadores*, *cherygas*, tudo  
 Que do cavallo é jaez e cama ao dono.  
 Em cima como franjas de sanéfa  
 Pendião cinco guampas de bom leite,  
 E a pequena vazilha, que é formada  
 De um chifre de novillo, ou mesmo vacca,  
 E que serve, pendente dos *arreios*  
 Por uma braça, ou mais de corda ou *tento*,  
 Para agoa tomar mesmo *de á cá'alo*.  
 Ao lado, no tear, já começado,  
 No tecido de lã, com duas côres  
 Estava o trage futuro da *gentalha*,  
 Que lá pelos *galpões*, todos á roda  
 Do fogo, no chão feito, reclamavão  
 Reforma ao *chiripá*, poncho mais novo,  
 Porque o *pala* não basta para o frio,  
 Que assobia no lombo do *matungo*,  
 E no alto do serro a *chimarrita*.  
 No frontal da janella pendurados  
 Sobre uma corda parallellos fios  
 Esperavão o sebo para as velas;  
 Em cada porta um cosmorama via-se  
 De rótulos de fazendas, de santinhos,  
 De figuras de phosphoros, de barcos

E da — *Estrella do Céu* — escripta ha uns annos  
Com a mais infiel orthographia . . . .  
Mas deixemos o *caldo requentado*  
E voltemos agora á *vacca fria*:  
Ao entrar atirei a nova phrase,  
Que nos meus dictionarios conservava,  
Dizendo — Deos esteja n'esta caza!  
E logo pareceo-me que por todos  
Eu era recebido com agrado,  
Pois levantados, n'uma voz discorde,  
Em trez compassos, com um gesto apenas  
Da cabeça movida por arames,  
Disserão: — Salve Deos a bizarria!  
Sentei-me e logo apoz de largo espaço,  
Em que todos calados estivemos,  
O bom velho me disse, arremedando  
Com a voz um piston nas nôtas graves:  
— *Então-se*, como *le vai*, moço? . . . 'Traz fome?  
Respondi como pude, mui vexado  
Por não ter preparado uma *sahida*.  
Porém, como é possivel que mostrasse  
Essa *cara de herege* conhecida  
De quem vem, como diz a nossa gyria,  
*Co'a cincha na virilha*, fui fazendo  
Como quem é de caza, á fora os ratos.  
Depois de finda a *janta*, uma das moças  
A um dos comensaes se dirigio:  
— Não toca um bocadinho, seo Manduca?  
O homem, a quem ella interpellou  
Offerecendo a viola, era um esguio  
Rapaz de sete palmos e uma terça,  
Com immensos cabellos, unhas grandes,  
E a mão calloza semelhando um mappa  
Topographicq da Suissa ou Noruega,  
Que querendo fazer-se *de rogado*  
A' mim se dirigio: — *Vancê*, patricio,  
Não toca alguma moda na guitarra?  
„Eu, Senhor, respondi, compouho versos,  
Mas não sei a *toada* das cantigas.  
— Isso não tem que vê; eu acompanho,  
E *vauncê* cante lá como *quizê*.  
Arrenégo do homem que. não pita

E não toca um rasgado na viola!  
 Inda *mêmo* que vá cochilha acima  
 N'um matungo cançado me dá pena  
 De *atirá-le* um *pialo* de *cocharra*,  
 Ou *dá-le* una pechada n'um só *upa*.  
 Eu cá tomo cachaça, jogo e fumo,  
 E montado n'um *pingo*, se lhe serro  
 No sovaco *as chilenas*, desafio  
 Ao mais guapo d'aquelles, que prezumão  
 Ginetaço domar *quebras* e *maulas*.  
 N'este meu *pangaré*, no *douradilho*.  
 No *sibruno*, *alazão*, ou no *gáteado*.  
 No *picasso*, ou no *zuino refugio*,  
 No *rozilho melado* e mais no *mouro*,  
 Ou mesmo no *lubuno*, ou *baio-oveiro*,  
 Em *qualqué* d'essas *áve* campo fóra  
 Abro luz a *quaqué*; *pago a dobrá!*  
 Estes dias ganhei *rompendo á cola*  
 Com o primo *Xicuta* no *vermeio*,  
 Que troquei pelo *ruano* de Entre Rios,  
 Por ser meio *nambi*, e, adicionado,  
*Passarinheiro* e *fuá*, que por *matreiro*  
 Já *macêta* ficou; não tem *querencia*  
 E anda meio *bichôco*, e já *coerudo* . . . .  
 Tenho *ca'ulos* lindos, bem *calçados*  
 Para *dá* e *vendé*, e quando queira  
 Um~~as~~ onças perder *tixe* a fallar-me.  
*Não me pense vauncê* que eu sou d'aquelles,  
 Que *arretira* a parada, e que só vive  
*Gavionando* á *tôa* . . . .

Eu acredito,  
 Disse, dando á séca um ponto e virgula,  
 Eu não tenho cavallos *pareiheiros*;  
 E de mais este meu não tem bom trato,  
 Não lhe dou geribá, nem milho ás vezes . . . .  
 — Não senhor, me retruca o *amonarchado*  
 Cidadão, desataundo o seu lencinho  
 De seda floreado e carmezim,  
 Que o chapéo lhe prendia no botão  
 Do jaléco de brim côr de cenoura,  
 Para o suor limpar, que lhe pingava  
 Da frente ao cabo do facão obliquo,

Que de entre o *tirador* e a *guaiaca*  
 Se inclinava da esquerda p'ra a direita,  
 Signal de que o sugeito era *canhoto*:  
 — Não, senhor, este até vive *agnachado*,  
 Um *qualqué galopito* o *aplasta* logo;  
 Inda hoje na *tupéra da Queimada*  
*Tastavilhou* commigo por bater-lhe  
 No *garrão* por *acauso* um gravatá.  
 Assim fallando o heróe de todo o poêma,  
 Que eu aqui delineo em frios versos,  
 Interrompeo-se á voz da moça nova,  
 Que talvez, com certeza do embaraço  
 Em que aquella conversa me lançava,  
 De novo reteirou o seu pedido  
 A respeito do canto . . . . Que mimoza!  
 Escapei da massada . . . . mas vão vêr  
 Que o pretendente advinhando aos olhos  
 Da cachôpa certo ar de *sympathia*,  
 Talvez que por me ver tão *acanhado*,  
 Quiz vingar-se no canto, e então, mudando  
 De terreno, o loquella em tom *euphonico*  
 Provocou-me n'um verso, assim dizendo,  
 Depois de dar mil voltas nas *c'ravelhas*  
 De afinar, refinar, ou *temperar*,  
 Como dizem. — Pois, senhores, canto  
 Já que a Dona Joanna me convida.  
 Mas ha de ser com duas *condição*:  
*Vauncês todos escuitem* e decidão  
 Se as *condição* não devem ser *accita*.  
 Primeiro cantará tambem commigo,  
 Porque estou com saudade de *escuital-a*,  
 A que me convidou; segundo, eu peço  
 Licença p'ra acendêr o meu cigarro . . . .  
 Dizendo isto, que todos apoiarão  
 Excepto Dona Joanna, que n'um verso  
 Respondeo ao dilemma apresentado,  
 Recitando com uma voz de *si-bemol*:

— Quem sou eu, *gentes*, aqui,  
 Para inventar nova moda?  
 Onde estão gallos da India  
 O garnizé não faz roda.

Bravo! disse então o aparvalhado  
Trovador dos — espinhos de ananaz,  
Acompanhado por mim de um — muito bem!  
O qual entre rizadas côr de enxofre  
Foi do bolso tirando *avios* e palha,  
Um naquinho de fumo, a faca, o isqueiro,  
E de pernas cruzadas, fabricou  
Um enorme cigarro, que acendeo.  
Começou, pois, o *guasca*, inda outra vez  
A *dar tintas* na viola; e de repente  
Quando menos á espera estava aquelle  
Auditorio silente, solta em berros  
Os seguintes versinhos d'improviso:

Vou cantar, Dona Joaninha,  
Por lhe *fazê* a vontade,  
Nas *corda* d'esta viola  
Vou cantar suas *bondade*.

Vou cantar suas *bondade*,  
Mais do moço que chegou,  
E' pena que o pobrezinho  
De *le* ver se *planchiou*.

De *le* ver se *planchiou*,  
Mais se o coitado é caipora,  
Cada vez que atira o laço,  
Deixa a rez ir campo fóra.

Deixa a rez ir campo fóra  
E o laço fica na mão;  
Custa tanto a padecer  
Para entrar n'um coração.

Para entrar n'um coração  
Como o de Dona Joaninha,  
Ha de tirar o chapéo,  
Ha de pôr-se de *gatinha*.

Ha de pôr-se de *gatinha*  
O mocinho da cidade,  
Para lhe dar uma prova  
De que *le* tem amizade.

De que *le* tem amizade . . .  
Repare o dono da caza,  
O mocinho 'stá ficando  
Já *vermeio* como a braza.

Já *vermeio* como a braza . . . .  
Mocinho, que inda namora,  
Ate a *cola* do seu *pingo*,  
Peça fogo e vá *s'imbora*.

Peça fogo e vá *s'imbora*,  
Que eu por isso não me zango;  
Eu *paleteio* cantando  
*Qualqué pongó maturango*.

*Qualqué pongó maturango*,  
Que não presta para nada . . . .  
Suspiros não dão alento  
A uma roza desfolhada.

Uma roza desfolhada  
Não é para o seu nariz . . . .  
O cantador já 'stá rouco,  
Já não sabe o que elle diz.

Já não sabe o que elle diz  
Porque *matte* não *le* dão;  
Eu fallo *c'aquella* moça,  
Que tem a *cuia* na mão.

Que tem a *cuia* na mão,  
Lenço de seda encarnada,  
Como a bonina ou a roza  
No jardim de madrugada.

No jardim de madrugada  
Eu achei um *malméquê* . . .  
Quem ama não tem vergonha  
Tenha lá quanto *tivé*.

Tenha lá quanto *tivé*,  
Para amor não ha riqueza.

Teus olhos são dois *pinhão*  
Assados na sobremeza.

Assados na sobremeza  
Com um *matte chimarrão*.  
Quem ama moça bonita  
Além de amante é ladrão.

Além de amante é ladrão,  
Quem despreza uma *muié*,  
Porque quando ella nos ama  
Faz-se d'ella o que se *qué*.

P. A. de Miranda.

---

# José.

Drama em 1 prólogo e 3 actos.

Por

ARTHUR ROCHA.

## ACTO 2º

(Salas luxuosas. E' noite.)

Scena 1ª

SILVEIRA, AMARAL, LUIZ E SALUSTIANO.

SILVEIRA.

E então, Sr. Luiz?

LUIZ.

Então... eu não sei como isto é. O certo é que ella é filha do Alfredo de Magalhães... não sei se conheceirão?... um perdido, que foi estudante de medicina na Bahia, onde residia a sua familia. Morreo-lhe a mãe, elle recebeu uma boa *mealhada* e foi desfructal-a na Europa. Lá, bem de pressa achou em que gastal-a e vio-se em pouco tempo miseravel, pobre e o que é mais, deshonorado. Começou então a ser cavalheiro de industria, e as suas gentilezas attrahirão-lhe as *sympathias* da policia. Fugio de Pariz e veio para o Brazil; chegando a Pernambuco, inculcou-se medico e fez, então, como jogador, libertino e até ladrão, juz a uma severa correcção. Prezo, conseguiu evadir-se da cadêa, e, segundo suppõe o jornal, em que li esta noticia, uza actualmente de um nome, que não é seu. Quem sabe mesmo se não estará actualmente no Rio de Janeiro?

AMARAL.

Safa! que bom pae!...

LUIZ.

Já vêem, pois, que não sendo por outro qualquer motivo, eu nunca consentiria em dar a meu filho um semelhante sôgro.

SALUSTIANO.

Uma couza, porém, digo eu; que o que tem de máo o pae, possui o padrinho de bom. Olhe, que um homem d'estes, para erguer-se á altura em que elle está, é preciso que tenha trabalhado muito.

AMARAL.

Qual!.. E' um embusteiro, que tem muito arrojo e tem sido acoroçoado pela impunidade. Porque estamos nós aqui e porque aqui está tanta gente boa? Não quero crer que seja pelos bellos olhos do dono da caza; mas é porque todos sabemos que, se recusassemos o seu convite, teriamos no outro dia uma descompostura raza no seu pasquim.

SALUSTIANO.

Não é tanto assim; ás vezes, ou quazi sempre, elle diz bem boas verdades.

AMARAL.

Tu o defendes, não sei com que interesse. Quem sabe se queres conquistar-lhe a filha? . Repara que já não estás muito moço para isso.

SILVEIRA.

Não; é que o Salustiano pretende encaixar-se na redacção do tal jornal, como collega do *pae José*. Quanto a querer cazar com a menina desiste d'isso, que o Arnaldo jurou-nos hontem que só a elle pertenceria.

LUIZ.

Quem é esse Arnaldo?

SILVEIRA.

Não conhece? ...pois não sabe o que perde. E' um amigo nosso. Um homem muito distincto e illustrado, que anda viajando. Sabe anedotas para contar um anno inteiro sem nunca se calar. Chegou ha pouco tempo e é meu hospede actualmente. Anda a esta hora pelo salão a fazer diabruras. Olhem que não é muito moço; mas de tal modo conversa, e é tão elegante, que faz com que a gente esqueça a sua idade para que só se lembre da sua graça.

LUIZ.

Então vou ver se o encontro. Quero conhecê-lo. (*Sahe.*)

## Scena 2ª

## OS MESMOS MENOS LUIZ.

AMARAL.

Então, o maganão jurou que havia de fazer a conquista de Angela? Oh! Deos permitta. Só assim verei decahido o orgulho d'aquella *quartã*, que não se conhece bastante para pretender ter vaidade e imposturas.

SALUSTIANO.

E's inclemente, Amaral. Agora mesmo acabas de ouvir dizer ao nosso amigo Luiz que Angela não é filha de José, e teimas em dar-lhe um nome menos merecido.

AMARAL.

Eu cá não sou homem de minudencias. Quem a sustenta, quem lhe bóta a benção de manhã, á tarde e á noute? José; logo, quem não quer ser lobo não lhe vista a pelle. Dêo agora o *pae velho* em dar bailes e saráos todas as semanas. Intenta talvez deslumbrar com o seu luxo algum incauto que lhe pretenda a filha... E' doudo.

SILVEIRA.

Eu penso como tu, e por isso estou impaciente que chegue o momento de applaudir os triumphos de Arnaldo.

SALUSTIANO.

Já os comprehendí. Vocês fizeram a cõrte a Angela, forão repellidos e querem vingar-se; acharão que esse Arnaldo é um excellente instrumento e atirão-n'o como *gato morto* á cara da pobre menina. Queira Deos não se vejão logrados no final.

AMARAL.

Tu és um tolo!

SILVEIRA.

Sim; um idiota!

SALUSTIANO.

Esses titulos, meus caros, considero-os para mim summamente honrozos, desde que me sejam conferidos por vós; porque d'esse modo se demonstra que eu não sou *solidario* nem com as doutrinas que pregão, nem com as acções que praticão.

SILVEIRA.

Vem gente. Retiremo-nos... o *pae José* é muito desconfiado. (*Suhem.*)

Scena 3ª

JOSÉ E LUIZ.

JOSÉ.

(*Seguindo Luiz apressadamente.*) Sr. Luiz, viu esse homem, esse tal Arnaldo, que ali anda no salão?

LUIZ.

Sim; vi . . . .

JOSÉ.

Diga-me: examinou-o bem?

LUIZ.

Não, olhei-o ligeiramente; mas pareceo-me conhecer aquella cara. Não me é extranho. Porque pergunta?

JOSÉ.

Porque a mim aconteeo o mesmo que ao Sr. . . . . Conheço aquelle homem. Vi-o . . . . não sei onde, quando e como. . . . mas a recordação, que tenho d'elle, é. tão profundamente má que sinto repugnancia de encaral-o. Dá-se com elle?

LUIZ.

Não, senhor; sei, porém, por ouvir dizer ha pouco n'esta sala, que é um homem muito illustrado e rico, que viaja por distracção.

JOSÉ.

(*Pensativo.*) Viaja por distracção . . . Sabe d'onde veio?

LUIZ.

Não.

JOSÉ.

Veja bem o que lhe digo n'este momento. Tenho um funesto presentimento ácerca d'este homem; não lh'o revelarei. Mas se porventura sua memoria, tornando-se mais lucida, chegar a alimentar uma qualquer suspeita, peço-lhe por Deos que a reserve para si. Que horas são?

LUIZ.

Meia noute.

JOSÉ.

Bem; o jornal talvez não tenha ainda entrado para o prélo. Tenho tempo de escrever algumas linhas.

LUIZ.

Mas . . . diga-me uma couza. Não foi o senhor, quem o convidou para o seu baile?

JOSÉ.

Não, senhor. O Sr. Silveira pedio-me um convite para um

hospede e apresentou-m'õ esta noute. Queira desculpar-me, porém, eu vou ao meu gabinete. (*Sahe.*)

Scena 4ª

LUIZ (*só*) depois CARLOS E ANGELA.

LUIZ.

E' extraordinario! Não me posso lembrar e todavia eu o conheço . . . eu o conheço . . . (*vai sahindo pelo lado opposto áquelle pelo qual entrão Carlos e Angela.*)

CARLOS.

Afinal, Angela, estamos sós; podemos gozar alguns momentos d'esta soledade para nos entregarmos ás expansões de sentimentos longamente sopitados.

ANGELA.

Sim, Carlos, porque a despeito de tudo quanto se tem passado, dos vexames que hei soffrido, e d'aquellas terriveis palavras de teu pae proferidas n'esta caza ha um mez, sinto que não posso deixar de amar-te. Aproveitemos este instante em que estamos sós e conta-me o que se passou, depois que sahiste de nossa caza naquelle dia funesto.

CARLOS.

Comprehendes quanto foi terrivel a lição inflingida por teu padrinho em meu pae. Uma vez fóra daqui, meu pae não se animava a dirigir-me a palavra, porque a vergonha da situação, em que se achava, lhe tolhia a vóz, e porque, afinal, elle é bom e apenas um pouco inconsiderado. Fui eu então quem lhe disse que a nossa situação era insustentavel e que cumpria acabal-a de algum modo. Prometti esquecer o que ouvira de teu padrinho, desde que elle me promettesse deixar-me agir livremente, assegurando-lhe pör minha vez nunca contrahir uma união indigna de mim. Elle objectou-me, contando-me a vida de teu pae, o seu tristissimo nome e eu retruquei-lhe que as culpas dos paes não devem recahir sobre os filhos, e que, a ser assim, tambem eu tinha muito de que considerar-me culpado.

ANGELA.

E emfim?

CARLOS.

E emfim . . . Não havia outro remedio senão condescender. Foi o que elle fez. Assim não está talvez longe o dia da nossa felicidade.

ANGELA.

Pela qual eu tão ardentemente suspiro. Já me enfastia

esta vida tumultuoza, que levamos de um mez a esta parte. Não sei que systema de combate é este que meu padrinho planeja contra os seus detractores...

CARLOS.

Não sabes? Eu te explico: Teu padrinho é um caracter, que aprendeo nas muitas vicissitudes e privações por que tem passado, a ser estoicamente desgraçado. Acha elle um deliciozo prazer em ver essa sociedade, que diz desprezal-o, esses homens, que o insultão, virem curvar-se aos esplendores do seu fausto. Ri-se intimamente quando os vê, os parvos, babujando lizonjas, que elle recebe de rosto erguido e fronte altiva.

ANGELA.

Mas, olhe que elle se arruina, Carlos!....

CARLOS.

Isso lhe disse eu, e elle respondeo-me: não tenha medo; para que isso succedesse era preciso que eu não tivesse de assegurar o futuro e a felicidade de Angela.

ANGELA.

Sempre pensando em mim.

CARLOS.

Sempre, como eu....

ARNALDO.

(*Que atravessa o fundo, seguido de Silveira, Amaral e outros convidados, rindo.*) Ah! ah! ah! ah! (*Desapparece na E.*)

CARLOS.

Este homem, este homem! (*Reparando em Angela, que entristeceo.*) Entristeceste? Por ventura te cauza este homem a mesma repugnancia que me inspira?

ANGELA.

Não; pelo contrario. Não sei que sentimento de temor, de medo lhe tenho; não sei que poder elle exerce sobre mim, que fujo de encaral-o. E depois... tem-me dito hoje couzas tão extraordinarias!....

CARLOS.

Elle! Pois olha, Angela, não sei, não sei por que, mas tenho a seu respeito idéas singulares.

ANGELA.

Eil-o que volta.

— 299 —  
Scena 5ª

OS MESMOS, ARNALDO, SILVEIRA, AMARAL E JOSÉ (*na porta com olhar investigador*), CONVIDADOS &c. &c.

ARNALDO.

Illustre cavalheiro, V. Sª rouba ao salão a rainha da festa e nós vimos reclamá-la em nome de todos os convidados.

CARLOS.

V. Sª engana-se. Alongando um pouco o nosso passeio até esta sala, aqui descansavamos das fadigas do baile, e, tanto não tive eu a intenção deliberada de occultá-la ás vistas dos mais convidados que estávamos aqui bem vizíveis, quando V. Sª por ali passou. Por signal que ria ás gargalhadas.

ARNALDO.

E' verdade. Ria-me de uma declaração de amor, que acabára de ouvir fazer.

CARLOS.

Ah! sim?

ARNALDO.

Sim; ora eu, não sei se já sabe, tenho um pensar extremamente extravagante ácerca de todos os homens, que vivem pelos salões a fazer declarações amorozas ás moças bonitas.

CARLOS.

Tudo que é extravagante é curiozo. Diga, pois, o que pensa d'esses homens?

ARNALDO.

Quer que eu diga? Olhe que eu tenho muito medo de ferir susceptilidades.

CARLOS.

Diga, sem susto . . . .

ARNALDO.

Se me assegura que não ha aqui nenhuma que se possa chocar . . . .

CARLOS.

Não, não ha.

ARNALDO.

Então, lá vae. Penso que todo o homem, que faz declarações de amor, é . . . . é tolo! . . . .

CARLOS.

(*N'um impeto de raiva vae atirar-se para Arnaldo, que lhe tem voltado as costas.*) Senhor . . .

ARNALDO.

(*Voltando-se.*) O que é, chamou-me?

JOSÉ.

(*Que tem puchado Carlos.*) Ah! ah! ah! fui eu, senhor...

ARNALDO.

Arnaldo de Mattos, um seu criado.

JOSÉ.

Sr. Arnaldo, quem o chamou, porque tendo ouvido e gostado immenso da opinião que emittio, com a qual provou ter grande pratica do mundo e conhecimento incontestavel da sciencia sociologica, quizera perguntar-lhe: — e o que pensa o senhor d'aquelles, que frequentão os salões para pregar uma moral pernicioza, pôdre e corrosiva?...

ARNALDO.

Parece que não se refere a mim?

JOSÉ.

(*Com hypocrisia.*) Meu Deos!... Certo que não.

ARNALDO.

Penso que esses ao menos tem o mérito de se mostrarem taes quaes são. Está contente?

JOSÉ.

Inteiramente. (*Toca a musica dentro.*) E tanto que em agradecimento offereço-lhe um par para esta quadrilha. (*Indicando Angela.*) Aqui o tem.

ARNALDO.

Muito agradecido. (*Offerecendo o braço a Angela.*) Minha senhora... (*Sabe acompanhado dos outros. Silveira e Amaraal ficão á porta olhando para o salão e rindo.*)

## Scena 6ª

OS MESMOS MENOS ARNALDO E ANGELA.

JOSÉ.

(*A Carlos que tambem vae a sair.*) Onde vae?....

CARLOS.

Eu... Eu...

JOSÉ.

Vacilla? Prohibo-lhe que siga aquelle homem.

CARLOS.

E porque? Não vio que intentou ridicularizar-me?

JOSÉ.

Porque aquillo é o epilogo de um grande crime. E' uma expiação que começa.

CARLOS.

Como?

JOSÉ.

Cale-se. Venha commigo. (*Sahem.*)

Scena 7<sup>a</sup>

SILVEIRA E AMARAL.

SILVEIRA.

E, então, que me dizes do Arnaldo?

AMARAL.

Que é de um arrojo inqualificavel.

SILVEIRA.

O certo é que elle vae ganhando terreno ao basbaque do Carlos da Cunha.

AMARAL.

Viste como elle o provocou?

SILVEIRA.

Aquillo tambem foi de mais.

AMARAL.

Qual de mais, nada! O que eu quizera poder adivinhar são as intenções de Arnaldo.

SILVEIRA.

Ora, ora, que innocente que tu és . . . . — Pensas talvez que elle queira cazar?

AMARAL.

E que mais?

SILVEIRA.

Pois, então: Arnaldo, um homem rico, que, segundo elle mesmo o diz, fez voto de celibatario, vae-se lá amarrar áquella mulher: — pupilla, ou couza que o valha de um preto?

AMARAL.

Mas então o que pretende elle?

SILVEIRA.

Ingenuo! Então não sabes?

AMARAL.

Palavra, que não.

SILVEIRA.

A mulher, como mulher, mais nada.

AMARAL.

Sim? Mas isso é de um atrevimento . . . .

SILVEIRA.

Ah! elle lá sabe botar a canga aos bois.

AMARAL.

Oh! mas essa vingança, que tu affagas na mente, é horrível! . . . .

SILVEIRA.

Salta fóra, bobo! . . . Pois tu não vês logo que o faço com segundas tenções? Ignoras que as couzas publicas pertencem a todos? e que consummado o acto por Arnaldo, elle assume conseguintemente a responsabilidade e nós podemos . . . .

AMARAL.

Ah! é isso?

SILVEIRA.

De certo. (*Vão sahindo de braço e encontrão Luiz da Cunha.*)

Scena 8<sup>a</sup>

OS MESMOS E LUIZ DA CUNHA.

AMARAL.

Então, Sr. Luiz, já vio o nosso homem?

LUIZ.

Já, sim.

SILVEIRA.

E que tal o acha?

LUIZ.

Deliciozo.

AMARAL.

Breve ha de achal-o sublime, quando eu o apresentar.

Fica por aqui?

LUIZ.

Sim; vou descansar um poucachinho.

AMARAL.

Então, até já. (*Sahem.*)

Scena 9<sup>a</sup>

LUIZ (*só*) depois CARLOS.

LUIZ.

Não sei, por mais que queira lembrar-me . . . E' uma idéa vaga, confuza . . . (*Senta-se pensativo no sophá.*)

CARLOS.

(*Entrando, ao pae.*) Ainda bem que o encontro . . . .

Conhece por ventura, meu pae, Arnaldo de Mattos?

LUIZ.

E' celebre. N'elle estava eu pensando agora mesmo. Acho uma reminiscencia . . . .

CARLOS.

Oh! que ninguem o conheça. E' rico, chama-se Arnaldo, viaja por passeio, eis tudo quanto se sabe. Receio muito l'esse homem; não sei que presentimento me diz que elle na de ser-me fatal.

LUIZ.

Porque?

CARLOS.

Porque? Porque, sem o conhecer, aborreço-o, odeio-o e seria capaz de matal-o si se me offerecesse occasião de fazel-o lealmente. Sabe de uma couza? — Esta vida não posso supportar mais. Que me importa a mim o preconceito, a sociedade, o mundo, a propria razão? Desprezo tudo; volto costas a essas conveniencias mesquinhas, a esses ignobeis deveres, que a opinião publica prescreve, e digolhe: vou cazar; Angela será minha mulher dentro em poucos dias.

LUIZ.

Estás louco, Carlos? Teimas em unir-te á essa mulher? A' filha de um criminozo, um reprobo social?

CARLOS.

Sim, um criminozo, um reprobo social, que foi seu complice e seu amigo.

LUIZ.

Fazes d'este segredo, que te confiou José, uma grande arma com que me bates todas as vezes que se falla d'este casamento. E' certo que errei; confesso. Eu era cazado com uma mulher boa e bella e tinha um filho de seis annos: eras tu. Mas arrastado pelas más companhias, tornei-me por instantes máo marido. Mas, bem o sabes, uma vez livre de Alfredo, embarquei para esta cidade, onde parece que á força de arrependimento e de trabalho tenho conseguido remir as minhas culpas passadas. Reflecte, filho. A paixão te céga.

CARLOS.

Já reflecti. Reconheci que já não sou uma criança, sou um homem, um homem, que deve e póde regular-se por si mesmo, que está completa e legalmente emancipado, que tem o direito de desprender dos pulsos os élos da cadeia do lar domestico.

LUIZ.

E o nome de tua familia?

CARLOS.

E que me importa o nome da familia? Deixarei o nome de Carlos da Cunha e tomarei outro qualquer, ainda que seja o de Carlos de Magalhães . . . .

LUIZ.

Carlos . . . .

CARLOS.

Estou decidido, mas definitivamente decidido.

LUIZ.

Devo, então, acreditar que endoudeceste?

CARLOS.

Não; deve antes acreditar que eu sou um desgraçado.  
(*Sahe. Luiz acompanha-o. A 'quadrilha começa dentro.*)

### Scena 10ª

ARNALDO E ANGELA.

ANGELA.

Mas, senhor, repare que a quadrilha começa . . . .

ARNALDO.

Não importa: prefiro antes conversar a sós com V. Ex.

ANGELA.

Mas, senhor . . . .

ARNALDO.

Não tenha receio; tenho a exterioridade um pouco brusca; mas creia que no fundo sou uma boa alma.

ANGELA.

(*Sempre de olhos baixos.*) Eu creio . . . .

ARNALDO.

O meu interesse não era o dansar com V. Exª; além de que sou pouco amante da dansa; entendo que ella não é senão um pretexto para conversar a gente mais á vontade com as pessoas de quem gosta.

ANGELA.

Senhor . . . .

ARNALDO.

Aprendi isto com V. Exª e o Sr. Carlos.

ANGELA.

Mas, o que tem a dizer-me, conhecendo-me apenas hoje . . . .

ARNALDO.

De hoje! Engana-se, minha senhora . . . .

ANGELA.

Como, pois me conhece ha mais tempo?

ARNALDO.

Sim . . .

ANGELA.

D'onde?

ARNALDO.

Olhe, assim: Fui uma noute ao theatro lyrico. Aborrecido já de ouvir cantar, comecei a percorrer com o binoculo os camarotes. Ha quinze dias mais ou menos. N'um d'elles, da segunda ordem, estava V. Ex<sup>a</sup>. Era um primor de graças e encantos. Ao vê-la não sei que echos adormecidos da minh'alma se acordarão e vibrarão um som, que todo me enlevou. Eu vi em V. Ex<sup>a</sup> não sei que vaga recordação da minha mocidade, que me exaltava o espirito. Isto em mim é natural. Não sei si devido á diversidade de terras que tenho visto, si a esta vida aventureira que levo, a minha memoria tornou-se de uma rebeldia inacreditavel. Póde ser que a conheça de mais tempo; tenho isso quazi comó certo.

ANGELA.

Porém . . .

ARNALDO.

Vel-a assim, tão moça, tão bella, tão cheia de attractivos, foi dedicar-lhe desde logo um amor doudo, illimitado, frenetico . . . Oh! mas note: un amor capaz de todas as coragens, de todas as loucuras. Segui-a desde então com a insistencia que caracteriza todos os meus actos. Todos os dias via-a, e quanto mais a contemplava, mais sentia estender-se-me no peito as raizes d'esse amor.

ANGELA.

Faz-me medo . . .

ARNALDO.

(*A' parte*) Ainda bem. (*Alto*) Soube quem era, tive noticia d'este baile e envidei todos os meus esforços para obter um convite. Obtive-o. Como Cesar, cheguei, vi . . . mas falta-me vencer. V. Ex<sup>a</sup> tinha disposto de seu coração.

ANGELA.

Sim . . . inteiramente.

ARNALDO.

Inteiramente . . . Não seja tão cruel, minha senhora; hade por força existir n'elle um canto, um escaninho secreto, em que eu possa moralmente caber. Eu venho pedir-lhe uma esmola, mas uma esmola de amor.

ANGELA.

Ouvi-o ha pouco classificar de tolos...

ARNALDO.

Os que fazem declarações de amor... Eu não sabia o que dizia, era o ciume, o despeito, a raiva que fallavão por mim.

ANGELA.

Mas... quem o autorizou a ter ciumes de Carlos?

ARNALDO.

Ninguem.

ANGELA.

Então...

ARNALDO.

Então...

ANGELA.

Já vê que a declaração do seu amor, senhor, é não só inaceitavel, mas até offensiva.

ARNALDO.

N'esse cazo repelle-me?

ANGELA.

(*Tremula.*) Sim...

ARNALDO.

(*Rindo*) Ah! ah! ah! V. Ex<sup>a</sup> não sabe o que faz. Não imagina que inimigo eu sou. Jurei que só a mim pertenceria e hei de cumprir esse juramento, custe o que custar.

ANGELA.

Não, é impossivel...

ARNALDO.

Impossivel! Arnaldo de Mattos é como Napoleão I<sup>o</sup>, minha senhora, não conhece os impossiveis. Está costumado a aplanar todas as difficuldades, a superar todas as barreiras.

ANGELA.

(*Com medo.*) Senhor... deixe-me ir embora....

ARNALDO.

Não; vae sahir d'aqui commigo depois de me ouvir ainda um instante. Vê este vidro? Trouxe-o da Europa; é um veneno oriental, rapido como o relampago, terrivel como o raio. Se alguma pessoa, além de nós dous, souber do que aqui se passou, ainda que seja seu padrinho, juro-lhe que me vingarei. A vida de Carlos me responderá pelo seu silencio.

ANGELA.

Ah!

ARNALDO.

Promette nada dizer?

ANGELA.

Prometto . . . sim . . . prometto.

ARNALDO.

Agora, vamos ao salão.

### Scena 11ª

OS MESMOS, JOSÉ E SALUSTIANO.

JOSÉ.

Então, aqui é que dança a quadrilha?

ARNALDO.

Não, senhor; para lá nos dirigiamos. Sua afilhada teve necessidade de vir ao seu toucador endireitar a *toilette*. Não foi, minha senhora? (*A' parte á ella*) Diga que sim.

ANGELA.

Foi . . . sim . . .

JOSÉ.

(*A' parte.*) Céos! . . . aquella voz tremula . . . aquellas feições . . .

ANGELA.

Senhor, se me desculpasse; eu precisava fallar a meu padrinho.

ARNALDO.

Pois não. (*A' parte á ella*) Nem uma palavra.

JOSÉ.

Vão, meus senhores, a dança os espera. Vão divertir-se. Vou saber o que quer Angela.

ARNALDO.

Então, até logo. Vamos. (*Sahem.*)

### Scena 12ª

JOSÉ E ANGELA.

JOSÉ.

Que te disse este homem, Angela?

ANGELA.

Nada, meu padrinho.

JOSÉ.

Impossivel! Tu me enganas. (*Angela chora.*) Tu choras! o que tens?!

ANGELA.

Medo . . . tenho medo d'elle.

JOSÉ.

Medo!

ANGELA.

Sim . . . Quem é este homem?

JOSÉ.

Quem é? Amanhã o saberemos.

Fim do 2º Acto.

---

## Um livro de poesias.

*Telas sonantes* é o titulo de um livro de versos, com que brindou-nos seu autor, o jovem e talentozo academico de S. Paulo, Sr. Affonso Celso Junior.

E, agradavel coincidencia, com elle chegarão-nos jornaes, em muitos dos quaes lemos apreciações sobre esses inspirados versos; umas, julgando-os *demaziado realistas*; outras, lamentando que fossem *demaziado lyricos*; todas, porêem, contestes em um ponto e esse capital:— o livro tem real mérito.

Para nós, porêem, que nos não precipitamos, mas acompanhamos calmos e reflectidos a transição litteraria, que afinal entre nós se vae operando; sem condemnar o que é *bon*, só porque é da *velha escola*; nem bater palmas ao *absurdo*, só porque é da *idéa nova*; que temos de um lado a *Deutsches Volks-Blatt* a esconjurar-nos como athêos, e do outro o chronista da *Revista da Phenix Litteraria* a fuzilar-nos porque ainda acreditamos em Deos; para nós, diziamos, ● volume de poesias de Affonso Celso é um mimo de delicadeza e sentimento, uma joia litteraria de subido preço.

Sem aventurarmos que nas *Telas sonantes* sejam irreprehensiveis as imagens, a metrificação perfeita, e confessando até que alguns preceitos da arte da lingua forão sacrificados. — reputamos em muito o merito do jovem poeta, que ao descuido, e só ao descuido, aliaz natural em um estudante, deve os pequeninos peccados, pelos quaes lhe impozerão tamanhas penitencias.

*Telas sonantes!* Appropriada e feliz escolha foi a d'este titulo.

Ha ahi pintura, e de pincel de mestre; sons accordes

e melodiosos de musica sublime. Como que se ouve as notas ternas e suavissimas d'aquella magica *Flauta*, cuja historia resume o poeta no seguinte colloquio entre um artista e sua filha :

„— Tinhas-lhe amor de irmã . . . não é assim ? pois bem :  
E' tão cruel a trilha  
Da vida atroz e vã,  
Que, para conservar a tua vida, ó filha,  
Vendi hoje a um mercante a tua casta irmã ! ! . . .“

Ha naquellas *Telas* imagens grandiozas e bellas. Entre outras *vê-se* a de Suzana no banho, quando

„No collo alabastrino as aguas sussurrantes  
Desatão um collar de gottas sciutillantes.“

e apoz, quando ellá querendo furtar-se a cubiçozo olhar, amedrondada, retrahe-se, e

„Julgando que não ver tambem é não ser vista,  
Encruza as mãos no seio e fecha os lindos olhos !“

Abrindo esse mimozo livro é difficil saber, salvo duas ou trez poesias, que ali estão como ulceras n'um corpo de Suzana, qual d'ellas é a mais bella, qual a mais delicada.

Cedemos a tentação de transcrever entre outros um de seus quadros biblicos, o de *Magdalena*, por exemplo :

„Da turba amotinada estruge a infrene grita :  
— Persegue uma mulher, que corre e foge afflicta.

A retumbante voz da humana tempestade  
Suffóca os tenues sons á voz da caridade.

Da triste a côma esparsa agita-se e fluctúa ;  
— Parece uma aza negra ; açoita a espadoa núa.

O orvalho do cansaço aljofra-lhe o semblante ;  
Arqueja em peito arfado o alento agonizante.

Dissereis contemplando o vulto desvairado,  
Que a estatua do pavôr havia-se animado.

As linhas do seu rosto a augustia contrahia,  
Ostentando os signaes das garras da agonia.

Por vezes, um momento, exhausta ella descança :  
— Detem-se, volve o olhar e segue : — a turba avança ! . . .

Mas, subito, na estrada, o Christo eil-a que avista;  
— Ao vê-lo regagueja um brado que contrista.

Unindo as debeis mãos, com supplicante gesto,  
Do Nazareno aos pés arroja o corpo infesto.

Se agrupa a turba em róda; alteia a ingente falla:  
„Adultera, infiel; deixae apedrejal-a! . . .“

„Deixae apedrejal-a, assim a lei prescreve!“  
Jezus, sem responder, no chão de manso escreve.

„A pedra lhe arremesse, emfim diz socegado,  
Primeiro quem de vos se julgue sem peccado.“

Movido pelo espanto, o povo se dispersa:  
— Eis a culpada a sós na immensa magoa immersa.

„Mulher, não peques mais, diz Christo, em voz serena,  
Podes seguir, em paz: ninguem, vê, te condemna.“

E ao som da meiga voz angustia dolorida  
Mostrou-se no semblante altivo á multidão! . . .  
— Baixou humilde o olhar: — chorava arrependida  
Não diante do castigo, em face do perdão.“

Ainda um outro quadro biblico.

Ao de *Christo e Magdalena* o esplendido contraste do  
de *Sansão e Dalila*.

„O aspecto varonil do moço nazareno  
Transpira a robustez, que irrompe a cada aceno.

E' chamma o seu olhar: em impetos serpeia:  
O incendio do pavor nas almas rubro ateia.

A côma em ondas cáe; mais densa que as neblinas  
Tem o basto esplendor das cômas leoninas.

Com ella brinca o vento e faz com que se estorça:  
Semelha, fluctuante, á flammula da força.

Não ha garbo maior nos pavilhões guerreiros,  
Quando, como a voar, desgrenhão-se altaneiros.

Nas veias o vigor circula: o jacto espera,  
Como a lava revel nos seios da cratera.

Ao vê-lo, foge a turba, em lívidos quebrantos,  
Ouvindo o pio atroz dos mochos dos espantos.

Quem ha que lhe resista? olhae . . . eil-o convulso;  
De fortaleza um mar rebenta no seu pulso.

Quem ha? alento herculeo o craneo seu occupa . . .  
O raio é seu irmão, rival a catalupa.

Quem ha? eil-o: que horror! . . . quem ha? todos fugindo  
Lá vão . . . mas, linda moça achega-se: vem rindo.

E' bella como o amor, é fragil como a infancia.  
No entanto, ao vê-la, o heróe aos pés deita a arrogancia.

Humilde, como a ovelha ao gesto da pastora,  
Com timidez vae ter á jovem seductora.

Despio toda a altivez. Não mais gestos protervos. . . .  
Tem o incertó temor dos respeitozos servos.

A bella faz-lhe um gesto e tremulo e offegante  
O heróe lhe estende as mãos com modo supplicante.

No collo seu, enfim, recosta a fronte mansa  
Qual da mãe no regaço a candida creança.

E a gotta d'agua o mar com timidez escuta;  
Da briza a tenue voz medrozo ouve o trovão;  
Um rizo abate um raio, á paz se humilha a luta  
E um sopro de Dalila escravo faz Samsão!! . . .

Dir-se-hia que o poéta arma ao effeito, procurando mais de uma vez surprender o espirito do leitor de seus lindos versos com a belleza dos contrastes, deixando admirar-lhe, com o artistico do engenho, a delicadeza e naturalidade com que os descreve. São exemplos a *Scena vulgar*, *O esboço* e a

## „FELICIDADE.

### I.

No carro, ao vir da igreja, em intima expansão,  
Do noivo a noiva ao pé, nas d'elle preza a mão,  
Ia scismando assim:

„Que venturozo dia . . .  
 Meu sonho, eil-o afinal, ó céos! quanta alegria . . .  
 Quem é que hoje na terra é mais feliz do que eu? . . .“

## II.

— N'isso, o carro parou e o prestito cedeo  
 O passo, respeitozo, a um outro. Na janella  
 A moça debruçou-se e virginal capella  
 Irmã da sua, o olhar ferio-lhe . . .  
 Era, porém,  
 No singelo caixão d'um funerario trem!! . . .

O poeta é ás vezes realista e épico, e então nos arreбата e commove com suas enthuziasticas estrophes; outras vezes é lyrico-romantico, e em seus suaves extasis, como que se lhe desprende a alma sonhadora, e expande-se pela amplidão de noute calma, saturada de balsamicos effluvios, e, vae — com Lamartine, despertar saudades de extincto amor á beira do lago; ou com Souza Caldas, com quem o cantor da Graziela aprendeo a tanger a harpa christã, admirar a natureza e o homem selvagem.

São exemplos a *Flauta*, *A officina*, *Os cruzadas*, *O ponto final*, *Na fazenda*, *A terra dos vulcões* e a *Filha da paz*, aquella velha amiga, companheira dos tempos felizes, que o guerreiro encontra, voltando invalido ao lar:

„Uma affeição de outróra: a sua velha enchada!“  
 e ainda uma outra, talvez a mais mmoza das suas poesias

## „A JOIA.

## I.

Ao pé de uma vidraça estavão mãe e filho,  
 Lambendo com o olhar, todo cubiça, o brilho  
 E os bordados subtis das joias de lavor . . .  
 — Que esplendida *vitrine!* Excentrico primôr  
 Na fórma, na feição, no cinzelado havia:  
 Era o sonhar em prata, em ouro a phantazia,  
 Chiméras de corral, caprichos de rubim,  
 Scismares de esmeralda e perolas; emfim  
 Um mimo tentador, uma vizão tirada  
 De um conto oriental . . .

## II.

— Em, extasis, pasmada,  
 A creança lançava alternativo olhar

Ao panorama e á mãe, incerta, a interrogar  
Se o maternal amor não entendera ainda  
Quanto dezejo atroz ia-lhe n'alma. Finda  
A eloquente mudez da supplica, outra vez  
Os olhos embebeo, com lenta maciez,  
Dos labores da joia e morbida, attrahida,  
Tal como a mariposa á lampada accendida.

Sentio a pouco e pouco ir-se tornando audaz...  
— Rezolveo-se por fim, e sem conter-se mais,  
N'um subitaneo arrojo, a voz erguendo, disse:  
N'uma falla de mel e célica meiguice  
Em tom de imploração:

„Mamãe, vou-lhe pedir  
Um immenso favor...“ A mãe poz-se a sorrir  
E — dize — respondeo. — Mas faz? replicou elle.  
— Faço. — Faz mesmo?... sim... Pois bêm, não vê aquelle  
Formozo camapheo que ali fulgindo está?  
— Pois quero-o muito... e muito... e quem promete, dá;  
Por isso...“ Mas a mãe interrompeo-lhe a phrase,  
Fitou-lhe o traj● roto, e soluçando quazi,  
„Aquelle não, tornou, mas outro, que tambem  
E' lindo e vale mais...“ Qual é?

— Ora ahi tem:

E assentou-lhe na testa um prolongado beijo!...

### III.

A creança entendeo... Sumio-se-lhe o dezejo  
E rindo retorquio:

„— Si assim tão rica está  
Quero mais um collar e um adereço já!!“

E assim, tomadas ao acaso, ahi ficão transcriptas algumas das poesias do inspirado academico, que não pedem carta de recommendação para fazer carreira, salvo se pretenderem um dia entrar para alguma das secretarias de Estado ou suas repartições annexas; por que então, sim senhor, não lhes bastará o merito; se não trouxerem *carta* não passarão do livro da porta.

Receba, pois, cá bem da gemma d'esta Provincia do Rio Grande do Sul, o illustre poéta as nossas felicitações, e os votos, que fazemos, para que continue a enriquecer

com novas producções suas a litteratura patria, empenhando-se em trabalho de mais folego, para o que não lhe falta senão . . . . ora lá vae toda a verdade, Sr. Estudante, — um pouco menos de estroinismo.

PORTO ALEGRE, Setembro de 1879.

**Bernardino dos Santos.**

## Muzêo do Parthenon.

---

Do relatório apresentado pela patriótica Commissão, á quem incumbio o *Parthenon* a ardua e honroza tarefa de angariar elementos para a formação de um nucleo, onde se colleccionassem os productos naturaes da provincia, como início de um futuro *Muzêo Provincial*, vê-se que essa grandioza idéa encontrou a maior aceitação, e que a tentativa corôou-se de sorprendente exito.

A Commissão, sem mais outros recursos do que sua solcitude, patriotismo e illimitada dedicação ao engrandecimento e progresso d'esta heroica provincia, conseguiu reunir um não pequeno numero de colleções e exemplares, os mais variados e ricos de valor intrinseco e scientifico.

A falta de um edificio apropriado, e propriedade do *Parthenon*, tem entretanto contrariado, senão grandemente prejudicado os esforços da distincta Commissão, obrigando-a a deixar inaproveitaveis objectos quer naturaes, quer productos da arte, que teria colleccionado se dispuzesse dos necessarios meios; e nem teria o desgosto de ver, á absoluta carencia d'elles, damnificados uns e totalmente perdidos outros especimens de suas importantes colleções. Ainda assim, e com prazer consignamos, — nem tudo está perdido: o embryão do futuro muzêo existe, e o constituem ricas e numerosas colleções de varias especies dos trez reinos da natureza.

E' importantissima a sua secção mineralogica; conta ella variado e grande numero de exemplares do genero quartzo, abundantes amostras de minerios, terras, areias, conglomeratos, grés, metaes &c. &c.

O ferro, a plumbagina, o antimonio, o arsenico, o chumbo, o manganez, o cobre, a prata e o ouro, bem como o carvão,

o jaspe branco e rozado, o marmore, o ocre, o kaolim, lindas calcedonias e cornalinas, crystaes de varias côres e diversos outros grés e carbonatos calcareos ahi figurão em profusão.

São tambem dignos de nota os diversos fosseis que possue, alguns deixando ver a olho nú o paciente trabalho metamorphico.

Na secção archeologica possui algumas curiozidades, entre outras: armas, vasos, camocins, redes e diversos instrumentos do uzo de nossos indigenas, incluzive esqueletos e diversos ossos d'elles, encontrados alguns ha pouca distancia d'esta capital.

Entre os objectos de valor historico encontram-se ahi: granadas, bombas, ballas de artilharia e fuzil da memoravel batalha de Ituzaingo, combate de Ponche Verde e do ataque da Brigadeira, quando os sitiantes tentarão retomar esta capital.

Figurão tambem n'esta secção o punção com que o governo da *Republica Rio-Grandense* cunhava suas medalhas, e o sinete do extincto *Instituto Historico*.

E' tambem de valor a secção de numismatica; n'ella encontra-se moedas de diversos valores e metaes, de cunhos, alguns de antiquissimas datas.

Na secção de zoologia vê-se uma grande collecção de pelles de animaes de nossos campos e florestas, um soberbo grupo de passaros, alguns artisticos quadros de insectos, diversos reptis, fetos, abortos curiozissimos, mumias &c., muitos dos quaes, á falta de conveniente acomodação, se tem damnificado.

Este grupo seria o mais numerozo, e se aproximaria muito ao completo, se a Commissão dispuzesse ao menos do local, onde podesse collocar e conservar os diversos exemplares, que tem deixado de aproveitar.

Em botanica e ichtiologia, pelas mesmas razões exaradas, as collecções são menos importantes do que poderião sel-o, se não actuassem essas cauzas, que obrigão a Commissão a desprezar exemplares, que não póde assim aproveitar.

Em compensação, porém, na classe dos moluscos tem a patriotica Commissão do *Muzêo* colleccionado grande numero de exemplares, não só da Provincia e do Imperio, mas ainda de outros paizes.

Tendo a Commissão se dirigido ao illustrado Director do Muzêo Nacional, pedindo-lhe que auxiliasse em seu nobre empenho ao *Parthenon*, accedeo cavalheirozamente aquella Directoria ao appello da Commissão, propondo — que lhe remetesse uma collecção de mineraes da provincia, afim de justificar, pela troca, a remessa, que dezejava fazer-lhe de uma collecção organizada das duplicatas de exemplares encontrados no Muzêo Nacional.

Com essa valioza remessa, a solicitude da Commissão, a generozidade com que em toda a parte foi acolhido o seu appello, e o auxilio de uma loteria, que ao *Parthenon* concedeo a Assembléa Provincial, é de esperar que essa grandioza idéa seja brilhantemente realizada, inaugurando o *Muzêo Provincial*.

O nucleo do Muzêo do *Parthenon* conta em suas collecções mais de 4000 exemplares.

E é isso, tudo quanto de mais lisongeiro se póde dizer em louvor da incansavel Commissão.

## Uma, das de Quevêdo.

---

E' fama que Felippe IV de Hespanha aborrecia mortalmente o jogo, e que sua aversão chegára ao ponto de crisparem-se-lhe os reaes nervos ao avistar um dado ou uma sóta de páos.

Qual o motivo d'esse odio ao jogo, em rei tão dado a devaneios e galanterias? Ninguem o sabia ao certo. Attribuião-n'o uns a ter S. M. a rainha perdido em uma noute grossa somma por desenfastiar-se ao tédio do tectrico Escurial; outros juravão por diversa cauza, e affirmavão que era porque as damas descuidavão o amor pela paixão do jogo na ganancia do ouro.

Não faltava até quem asseverasse que . . . .

Seja, porêem, este ou aquelle o motivo, o que é certo é que D. Felippe promulgou ordenanças contra o jogo, e mui severamente prohibio esta terrivel diversão no recinto de seus alcaçares.

Golpe mortal para as damas e cortezãos habituidos, nos dias de serviço ao paço, a ganharem uns aos outros até a ultima das — *blancas de sus escarcelas*.

Ainda que irritados com a cohibição os cortezãos tiverão de submetter-se á real vontade.

Mas, véda-se acazo algo ás mulheres? Desde que uma mulher ouve dizer — é prohibido — formula logo a quebra do preceito. Se Deos não cohibisse a Eva de comer a fatal maçã, com certeza o ditozo fructo tranquillamente prezo á arvore teria amadurecido, passado ao estado de orijona e ainda hoje lá estaria.

A mulher! . . . Quereis que ella vos ame perdidamente, dizei-lhe que vos aborreça; e, o que ainda é mais admiravel,

quereis um segredo inviolavel, contae-o a uma mulher, pedindo-lhe que o revele a seus amigos.

Não aconselho que se uma mulher cahir n'agua a busquem rio acima, mas o que garanto é que, mesmo depois de afogada, se lhe sobrasse um atomo de vontade, empregal-o-ia em remontar o curso d'agua — só para contrarial-o.

Assim as nobres damas da cõrte em couza alguma pensarão menos do que no cumprimento das ordens do monarcha. Ao contrario, amarão por tal sorte a *timbirimba* depois que a virão desterrada, que parecia consagrarem-lhe uma especie de culto, e não houve mais uma unica noute em palacio em que se não jogasse e muito.

Abandonadas em sua rebellião pelos fidalgos, encontrarão as damas entre elles um auxiliar poderoso, se não em dinheiro, em espirito, ardis e outros elementos de revolta. Mas o que havia n'isso a admirar, se era elle um poéta?

O poéta, disse um homem celebre — não se acha bem em parte alguma, nem em uma sociedade democratica, nem n'uma aristocratica, nem n'uma constitucional; e isto só porque poéta quer dizer — espirito de contradicção.

Tive um amigo poéta, que se enfadava quando o queria reter a meu lado. e quando lhe dava a liberdade de deixar-me era capaz de ficar junto a mim um mez inteiro.

Para darmos uma idéa do parceiro das damas hespanholas, bastará dizer-vos que era, elle de mediana estatura, nariz rombo, espadoas abobadadas, e que com a sua comica seriedade fazia rir a todos.

E feio, assim como o vêdes, o nosso poéta era amoroza-mente requestado por mais de quatro beldades . . . .

A rainha, com quem privava o poéta, tinha por costume chamal-o D. Francisco; o rei, porém, chamava-o simplesmente Quevêdo.

Uma noute que, em contravenção ás soberanas ordens, muitas damas e com ellas Quevêdo jogavão nos apoentos, que a duqueza d'Alba, como camareira-mór, tinha no paço, de subito lhes apparece o duque seu marido, que conhecendo os habitos de Felipe IV, que se aproximava á porta de um passadiço, corre até á camara, dizendo com angustiozo accento:

— O rei! . . . senhoras, ahi vem o rei!

A' primeira syllaba d'esta voz de alarme, as damas arrecadando ás pressas os montes de ouro, fugirão da camara,

deixando compromettidos Quevêdo e o duque com o corpo de delicto evidente nas quarenta e tantas moedas estendidas sobre o significativo tapete verde.

Felippe só vira das damas as longas caudas de seus vestidos, porém sentindo em redor de si a athmosphera inequivoca da surpresa, fitando o poeta e o duque, lhes perguntou breve e seccamente:

— O que é isso?

O pobre duque teve a lingua enregelada, não articulou uma só palavra, mas Quevêdo, com imperturbavel sanguefrio, respondeo-lhe na seguinte quadra:

Que, ha de ser, Rei hespanhol?  
Alva, que disse ás *Estrellas*,  
Que se retirassem ellas,  
Porque vinha vindo o *Sol*.

E' difficil dizer-se do que mais gostou o rei — se da redondilha, se da lizonja.

Provavelmente de ambas, porque mandando chamar as fugitivas, fez-se seu banqueiro e jogou com ellas até o amanhecer.

**Joanna Manoela Gorriti.**



## Secção historica.

---

20 de Setembro de 1835.

O dia 20 de Setembro de 1835, para sempre memoravel nos annaes da historia d'esta provincia, foi este anno rememorado pela illustrada redacção da *Gazeta de Porto Alegre* com o artigo, que em seguida transcrevemos.

Não subscreveremos a totalidade, das suas apreciações, em mais de uma d'ellas achamo-nos em perfeito antagonismo; mas, pelo que tem esse escripto de importante, quer como documento, quer como indicação para a futura historia da revolução da provincia, transcrevemol-o gostosamente:

„A data de hoje é uma das mais importantes na historia da provincia do Rio Grande.

E' a do dia em que em 1835 o Dr. Braga, então presidente do Rio Grande do Sul, abandonando o palacio do governo, recolheo-se ao arsenal de guerra, fazendo embarcar a sua familia n'um navio americano e passando elle proprio, no dia seguinte, para bordo da escuna *Dezenove de Outubro*, que o levou para o Rio Grande.

A historia considerou o dia em que o presidente abandonou o palacio, depois do mallogrado reconhecimento sobre a fazenda do Crystal, na noute anterior, como o começo da guerra civil, que durante dez annos devastou a provincia, embora o manifesto de Bento Gonçalves tenha a data de 25 de Setembro, sendo por isso a que de preferencia devia ser considerada como começo da revolução.

Completão-se hoje, pois, 44 annos, que a retirada do presidente Dr. Braga dêo o signal da guerra civil.

E' um facto historico de summo alcance para a provincia, e por isso vamos recordal-o em breves traços.

Não indagaremos n'este lugar das cauzas remotas, que conduzirão á esse lamentavel acontecimento. Erão ellas inherentes ao estado geral do paiz e principalmente aos innumerados erros da regencia, que nenhuma attenção prestava ao Sul, embora aqui sangrasse ainda a ferida aberta na honra rio-grandense pela inépcia de Barbacena em Ituzaingo, e pela tortuoza politica de 1827, que abandonara a Provincia Oriental, quando a guerra apenas havia começado.

Nada melhorou a rapida vizita que D. Pedro I fizera á provincia, e essa geração de soldados, que começara sua educação na guerra contra os hespanhóes em 1810, que assistira a conquista das Missões e que, indignada, retirára-se para o lar depois da traição de 1827; essa geração de soldados, dizemos, tinha espirito altivo e uma immensa riqueza de gado, assim como abundancia de cavallos (o primeiro elemento de nossas guerras) dava-lhe uma independencia propria a chamar a attenção de um governo previdente.

E' o que nunca fôra o governo regencial, que, accumulando erros sobre erros e mostrando-se de mais a mais frouxo e irresoluto, desgostou profundamente a classe militar, então preponderante na provincia, que vira aos poucos aniquilar-se o seu prestigio.

A provincia tinha homens de idéas avançadas, como Pedro José de Almeida, Dr. Sá Brito, Domingos José de Almeida, Marciano Ribeiro &c., e a elles vierão ligar-se, vindos da côrte, outros não menos liberaes, como José Mariano de Mattos, João Manoel de Lima e Silva, José Carlos e outros, que principiarão essa agitação politica em meio de um profundo abatimento do espirito publico.

O commandante das armas, marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, não gozava de sympathias, era frouxo e sem força moral, faltando-lhe o apoio do governo central, que elle aliáz aborrecia, porque pertencia ao partido restaurador, e foi com essas tendencias que fundára-se em Porto Alegre a *Sociedade Militar*.

O governo regencial não dava força moral aos presidentes, e nem ao menos retirou da provincia officiaes agitadores como João Manoel e José Mariano, o que fazia crêr que protegia o movimento, que começava a oppôr-se á politica

compressora e desmoralizada da trindade Sebastião Barreto, Dr. Braga e Pedro Chaves.

A força militar existente na provincia era quazi nenhuma, pois que não passava de 438 praças, dividida em sete corpos das trez armas.

A invazão das novas idéas, a immigração de revoltosos orientaes, argentinos e italianos, o trabalho dos clubs, a linguagem virulenta da imprensa liberal, o enfraquecimento da autoridade, a crise commercial produzida por uma derrama de cobre falso e impostos excessivos lançados pela assembléa, forão as circumstancias principaes, que vierão em auxilio ao movimento.

Os pródromos do movimento forão os successos de 24 de Outubro de 1834, em que o governo da provincia ameaçara com mão armada os cidadãos, que festejavão a reforma da constituição.

O prezidente Braga, que na occasião se achava no Rio Grande, onde havia conferenciado com Bento Gonçalves, que a seu pedido viera á capital afim de apaziguar o povo, voltando para Porto Alegre approvou todos os actos do seu irmão Pedro Chaves e dêo a Bento Gonçalves a qualificação de faccioso e chefe de rebeldes.

Depois desenvolveo-se uma serie de reacções, a melhor parte das quaes a historia imparcial attribue á influencia do Dr. Pedro Chaves.

Succederão-se rapidamente uns aos outros processos d'imprensa, e forão encarcerados muitos homens importantes; foi suspenso o tenente-coronel Silvano José Monteiro de Araujo; foi exilado para Missões o batalhão 8º de caçadores; creou-se uma impopularissima Guarda Nacional de cavallaria; foi demittido Bento Gonçalves do commando da fronteira de Bagé; Silva Tavares foi nomeado commandante da fronteira do Rio Grande; Bento Manoel foi demittido do commando da fronteira do Rio Pardo e substituido pelo tenente-coronel José Antonio Martins; houve deportações; á propozito do assassinato do juiz de paz do Rio Pardo foi duas vezes prezo o major José Mariano de Mattos, e de facto foi suspensa a garantia do *habeas corpus*.

A isso accrescia a constante introduccão de africanos e a derrama de cobre falso, que aleijava o commercio.

N'esta situação, já por si só perigozissima, abriu o prezidente a assembléa provincial, accusando em sua falla os

chefes rio-grandenses de conspiração separatista e dirigindo-lhes cathegoricas ameaças. A opposição liberal rebateo a asserção e a sessão tornou-se tempestuosissima. A maioria governista decretou depois um imposto territorial de 16\$000 réis por legua de campo, que produzio grave desgosto, e o mesmo se dêo com a creação de um corpo de policia de 700 praças, que fôra autorizada por uma emmenda do deputado Manoel Felizardo, apresentada em 3ª discussão e sem as formalidades legais.

Taes forão as causas immediatas, que contribuirão para o movimento de Setembro de 1835.

Bento Gonçalves e seus companheiros prepararão-se para levantarem-se ao grito de viva D. Pedro II! viva a constituição! afim de expulsarem o Dr. Braga e marechal Barreto, sujeitando-se a acceitar depois as autoridades que o governo imperial mandasse.

Porto Alegre esperava o movimento revolucionario desde o dia 19 de Setembro. Partidas volantes passavão das Pedras Brancas para a fazenda do Crystal, pertencente a familia Gonçalves: e na propria capital celebravão os chefes conferencias no sobrado, que hoje fica em frente da cadêa.

No dia 19, augmentando o movimento, reunira o presidente Dr. Braga as forças de que podia dispôr e solicitou do cônsul portuguez (Victorino José Ribeiro) o auxilio da marinhagem de sua nacionalidade para defeza da cidade.

Erão fracas as forças do governo: meio esquadrão de voluntarios paizanos, commandados pelo visconde de Camamú, uma companhia de permanentes, ao mando do capitão Francisco Felix e uma peça de artilheria — era tudo.

O desanimo do presidente era grande e a desordem tal, que nem ao menos lembrarão-se de fortificar a cidade nos pontos mais accessiveis.

Não obstante mandarão na noute de 19 fazer um reconhecimento em direcção ao morro do Crystal, ao mando do visconde de Camamú, mas no caminho da Azenha cahirão as forças do governo n'uma emboscada, e forão completamente debandados, tendo um morto, um ferido de balla e dous lanceados, entre estes o proprio commandante.

Voltando a força debandada para a cidade, foi desanimadora a impressão: os soldados da companhia de permanentes começarão a desertar, e o Dr. Braga, vendo-se ex-

posto a ser prisioneiro, retirou-se, á 20, para o arsenal de guerra, embarcando á 21 para o Rio Grande.

No mesmo dia 21, entrou Bento Gonçalves na cidade e, officiado á camara municipal, empossou esta do governo ao 4º vice-presidente, Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

A 25 publicou Bento Gonçalves o seu manifesto, no qual dizia :

„Conhece o Brazil que o dia 20 de Setembro de 1835 foi a consequencia inevitavel de uma má e odioza administração, e que não tivemos outro objecto, e não nos proporemos a outro fim, que restaurar o imperio da lei, affastando de nós um administrador inépto e faccioso, sustentando o throno do nosso jovem monarcha e a integridade do Imperio. Sim, compatriotas, devemos ao Brazil, que n'este momento tem os olhos fitos em nós, esta manifestação tanto mais sincera e prompta, quanto maior é o dever em que nos achamos de desvanecer os temores com que os nossos inimigos o quizerão alarmar, accusando-nos de sustentar vistas de desunião e republica.“

Finalizava o mesmo manifesto com as seguintes palavras :

„Respeitando o juramento, que prestamos ao nosso codigo sagrado, ao throno constitucional e á conservação da integridade do Imperio, comprovareis aos inimigos de nosso socego e felicidade, que sabeis preferir o jugo da lei ao de seus infractores, e que ao mesmo tempo nunca esqueceis que sois administradores do melhor patrimonio das gerações, que nos devem succeder, que este patrimonio é a liberdade, e que estaes na obrigação de defendel-a á custa de vosso sangue e de vossa existencia. A execração de nossos filhos cahirá sobre nossas cinzas, se por vossa desmoralização e incuria lhes transmittirmos este sagrado deposito desfalcado e corrompido ; e suas benções nos acompanharão ao sepulchro, se lhes deixarmos exemplos de virtude e de patriotismo !“

Eis em poucos traços o historico dos memoraveis successos de 20 de Setembro de 1835, dia em que começou aquella funesta guerra civil, que durante dez annos dividio a familia rio-grandense em dous acampamentos inimigos e cauzou innumeradas desgraças, que não podem ser equilibradas pela somma de glorias militares, que na fraticida pugna conquistarão as valentes cohortes rio-grandenses.

---

## Quadro da secca do Ceará.

---

### Afflicta.

Que vulto, oh grande Deos! que ser vivente  
Erra no meio do dezerto ardente,

Sózinho a prantear?

E' uma mulher. No peito seu, que treme,  
Linda criança tímida, que geme,

Lá vae a carregar.

D'onde vens? Que procuras? Porque choras  
E noute e dia, sem contar as horas,

No dezerto sem fim?

E cança... e olha... e o horizonte além recúa...

E ella, co'o filho ao seio, quazi núa,

Cáe, geme e falla assim:

„Oh! Senhor Deos de amor, Deos de bondade,  
Reflecti sobre mim da Eternidade

A luz da compaixão!...

Fraca, vergo do vento ao rijo açoute;

O sol me queima; e quando vem a noute

Com a sua escuridão,

Procuro entre soluços um abrigo...

Grito... e só tenho, em vez d'um peito amigo,

O silencio e o pavor!....

Então caio prostrada e suarenta...

E sobre mim a noute passa lenta

Com mysterios de horror!

A fome com seu gelo me acompanha,  
E arrasto o corpo em languidez estranha,  
Marchando a vacillar!...

E o que é mais, o que é dôr mais que infinita  
Sentir no seio um filho, que se agita  
N'um cruel soluçar!...

Chora, grita de fome, sêde e frio...  
E eu, neste campo de aridez sombrio,  
Eu, mãe, que hei de lhe dar?...

Nuvens, acastellae-vos no horizonte!...  
Oh! terra, abre-te em crystalina fonte  
P'ra esta sêde acalmar!...

E o firmamento é limpo, arida a terra...  
E meu seio alimento não encerra!  
Oh! meu Deos, que vos fiz?  
Tende dó, compaixão da desgraçada,  
Da que sem crimes era condemnada  
D'essa mãe infeliz!...

„No entanto já tive a vida  
Dourada pela ventura...  
Vida campestre, bem simples,  
Mas feliz, alegre e pura!  
Na minha modesta choça  
Sempre contente vivia...  
Nem a mais ligeira nevoa  
Me embaciava a alegria!

„Tinha um jardim dentro d'alma  
Só de sorrisos formado,  
Com que enfeitava sempre  
De meus paes o labio amado!  
Eu d'elles era a esperauça  
A estrella de suas vidas...  
O sonho, em que se embalavão  
As suas almas queridas...

„Tinha tambem uns amores  
Celestes, castos, azues,  
Que a minh'alma envolvião,  
Como um vestido de luz...

Meu Deos, que tempos felizes  
 Os tempos em que eu amava!  
 Que doce scisma amoroza  
 Em que toda eu me abysmava!

„A natureza se abria  
 Para mim, qual epopéa!  
 Cada briza era uma nota,  
 Cada flôr era uma idéa . . .  
 Cada estrella scintillante,  
 A luzir no firmamento,  
 Coava através meus olhos  
 Doce e puro sentimento!

„E como o adorava tanto! . . .  
 Como elle me estremecia!  
 As nossas vidas corrião  
 Doces, como uma harmonia!  
 Mas de meus castos amores,  
 Fugi, saudoza lembrança . . .  
 Porque lembrar a ventura  
 Quando morreo-nos a esp'rança?

---

„Sim, pois, que de repente essa ventura  
 Desfeita sobre o pó eu vi cahir!  
 De minhas illuzões os brancos astros  
 Em poeira de luz os vi fugir . . .

„Vi a sêcca, phantasma incendiario,  
 Brandindo ardente tocha pelos ares,  
 E a correr delirante pelos campos,  
 Levar fogo ás florestas seculares . . .

„Vi as epidemias, de seus antros  
 Fugindo com olhares flammejantes,  
 Das fauces atirar por sobre o povo  
 Uma chuva de raios fulminantes! . . .

„Na fria e negra enxerga da miseria,  
 Da agonia a torcer-se no furor,  
 Vi meu pae expirar entre meus braços  
 Banhando-me com lagrimas de dôr!

„Depois . . . abandonada, triste, afflicta,  
Queimando as plantas no areal ardente,  
Em tropeços corri para a cidade,  
Onde do povo rebramava a enchente.

„Quando um dia senti gelar-me o corpo  
Da crúa fome o lancinante frio,  
Nas vastas da agonia, como naufraga,  
Fui bater n'uma porta em desvario.

„Um homem me acolheo! Seria um homem? . . .  
Não! — O espirito do mal em fórma humana . . .  
Prendeo-me ao corpo a vida que fugia,  
Mas lançou em minha alma a morte insana!

„Roubou-me a flôr de minha virgindade,  
Que sobre meus andrajos escondia!  
Saciado, depois. . . lançou-me á rua,  
Como quem quebra a taça, que esvazia.

„E agora com esta pobre creancinha  
— Fructo innocente do nefasto crime,  
Eu vagueio, lavando-a com meu pranto,  
Sem ter um tecto, um braço que me arrime!

„Agora, oh! Deos, que eu vivo em densas trevas  
Porque a face nos céos me não mostraes?  
Oh! varrei-me do craneo o pensamento,  
Simun das dôres — que por mim passaes!

„E eu, — genio do mal, satanica figura,  
Tu, a encarnação da ignominia impura,  
Massa de carne humana, onde a alma se gelou,  
Furia cruel, atroz. que o inferno vomitou . . .  
Tu, que a minha corôa de pura virgindade  
Despedaçaste aos ventos em meio a immensidade,  
Tu, que com mãos crueis um tumulo cavaste,  
Onde o meu coração em gritos enterraste,  
E agora em sua lagea enregelada e fria  
Vaes a tripudiar com perfida alegria,  
Recebe no teu craneo — essa fatal caverna  
De tigres e reptis, a maldição eterna! . . .  
O pensamento teu — diabolica serpente  
Estorça-se de dôr na rubra chamma ardente,

Página não encontrada nas fontes pesquisadas.

Página não encontrada nas fontes pesquisadas.